

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO - ESTUDOS ESTRATÉGICOS E RELAÇÕES
INTERNACIONAIS

ALEX THIAGO ARAUJO DE SOUZA

**O RESSURGIMENTO DA RÚSSIA NA ERA PUTIN, A INFLUÊNCIA EXERCIDA
NO ORIENTE MÉDIO E SUA CONEXÃO COM A SÍRIA**

Rio de Janeiro
2019

ALEX THIAGO ARAUJO DE SOUZA

**O RESSURGIMENTO DA RÚSSIA NA ERA PUTIN, A INFLUÊNCIA EXERCIDA
NO ORIENTE MÉDIO E SUA CONEXÃO COM A SÍRIA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Federal
Fluminense (UFF) como requisito
necessário à obtenção do título de pós-
graduação em Relações Internacionais
e Estudos Estratégicos.

Orientador:
Prof. Dr. EDUARDO HELENO DE JESUS SANTOS

Rio de Janeiro
2019

ALEX THIAGO ARAUJO DE SOUZA

**O RESSURGIMENTO DA RÚSSIA NA ERA PUTIN, A INFLUÊNCIA EXERCIDA
NO ORIENTE MÉDIO E SUA CONEXÃO COM A SÍRIA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Federal
Fluminense (UFF) como requisito para
a obtenção do título de pós-graduação
em relações Internacionais e Estudos
Estratégicos.

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. EDUARDO HELENO DE JESUS SANTOS (Orientador) – UFF
Departamento de Estudos Estratégicos e Relações Internacionais - INEST

Prof. Dr. THOMAS HEYE (Leitor) – UFF
Departamento de Estudos Estratégicos e Relações Internacionais - INEST

Rio de Janeiro
2019

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador meus sinceros agradecimentos por toda dedicação, exigência, paciência e tempo dispendido na realização deste trabalho. À minha família, pais e irmão, por todo o incentivo, compreensão e reconhecimento durante minha jornada acadêmica e profissional. Possuo plena convicção que o apoio incondicional prestado é a principal razão das conquistas alcançadas. Expresso, também, este sentimento aos meus amigos e companheiros de turma que torceram pelo sucesso continuado da minha vida profissional e, principalmente, a Deus pela proteção, bênçãos e oportunidade única de inserção no mundo acadêmico, capacitação técnica, aprimoramento específico e crescimento pessoal.

Se você conhece o inimigo e conhece a si mesmo, não precisa temer o resultado de cem batalhas. Se você se conhece, mas não conhece o inimigo, para cada vitória ganha sofrerá também uma derrota. Se você não conhece o inimigo nem a si mesmo, perderá todas as batalhas [...] (Sun Tzu).

RESUMO

Esta pesquisa aponta como tema central o comportamento político e estratégico da Rússia na Era Putin (1999 - 2018) e tem como objetivo geral entender alguns fatores que fazem esta superpotência ter interesses na região do Oriente Médio, tendo como porta de entrada a Síria, que vive sob o regime do ditador Bashar al-Assad. Quanto a metodologia, trata-se de uma pesquisa descritiva, bibliográfica e documental.

No desenvolvimento teórico deste trabalho foram abordados os seguintes temas: o ressurgimento da Rússia após a Guerra Fria, o governo Putin e o Oriente Médio e a conexão entre a Rússia e a Síria. A análise de dados focou em verificar a mudança de rumo que a liderança do século XXI proporcionou a Federação Russa nos setores econômicos, militares, sociais e políticos. Além disso, existe, também, uma abordagem da aproximação existente entre os aliados Putin e Assad, que ficou mais evidente ao sistema internacional após o advento da Primavera Árabe. O resultado mostra que o atual século está sendo marcante para a recolocação da Rússia, no que tange a sua geoestratégia, como um ator de peso no arranjo dos Estados em especial no Oriente Médio.

Palavras-chave: Rússia. Era Putin. Oriente Médio. Síria. Primavera Árabe. Poder.

ABSTRACT

This research points out as central theme the political and strategic behavior of Russia in the Putin Era (1999 - 2018) and its general objective is to understand some factors that make this superpower have interests in the Middle East region, first of all on Syria, that lives under the regime of dictator Bashar al-Assad. As for the methodology, it is a descriptive, bibliographical and documentary research.

In the theoretical development of this work were addressed the following themes: the resurgence of Russia after the Cold War, the Putin government and the Middle East and the connection between Russia and Syria. Data analysis focused on verifying the change in direction that the 21st century leadership provided the Russian Federation in the economic, military, social and political sectors. In addition, there is also an approach to the proximity between the allies Putin and Assad, which became more evident to the international system after the advent of the Arab Spring. The result shows that the current century is marking the relocation of Russia, in the geostrategic field, as a major player in the arrangement of States, especially in Middle East.

Keywords: Russia. It was Putin. Middle East. Syria. Arab Spring. Power.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - REPÚBLICAS DA RÚSSIA.....	9
FIGURA 2 - HEARTLAND.....	29
FIGURA 3 - MORTOS E DESAPARECIDOS GUERRA SÍRIA.....	37
FIGURA 4 - BASE AÉREA RUSSA - HMEIMIM.....	43
FIGURA 5 - RAIOS DE COMBATE AERONAVE SUKHOI SU-25 NA SÍRIA	44
FIGURA 6 - CONFLITO NA SÍRIA: ALIADOS E INIMIGOS	45
FIGURA 7 - O MAPA DA GUERRA NA SÍRIA	46

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - PRODUÇÃO E RESERVAS DE PETRÓLEO DA RÚSSIA	41
GRÁFICO 2 - EXPORTAÇÕES GÁS NATURAL: RÚSSIA	41
GRÁFICO 3 - PIB E PPC RÚSSIA	49
GRÁFICO 4 - A RÚSSIA DE VLADIMIR PUTIN.....	50

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	1
2	O RESSURGIMENTO DA RÚSSIA APÓS A GUERRA FRIA	3
2.1	A ASCENSÃO DE PUTIN	3
2.2	A VOLTA DO NACIONALISMO	5
2.3	AS MUDANÇAS NA POLÍTICA INTERNA E EXTERNA	10
3	O GOVERNO PUTIN E O ORIENTE MÉDIO	21
3.1	A HEGEMONIA DE PUTIN	21
3.2	A PROJEÇÃO DE PODER RUSSA NO ORIENTE MÉDIO	28
4	CONEXÃO ENTRE RÚSSIA E SÍRIA	33
4.1	A PRIMAVERA ÁRABE E A SÍRIA	33
4.2	OS PROTESTOS EM DAMASCO	33
4.3	A GUERRA CIVIL	34
4.4	AS RELAÇÕES ENTRE BASHAR AL-ASSAD E A RÚSSIA	37
4.5	AS ROTAS DE PETRÓLEO E O INTERESSE GEOPOLÍTICO RUSSO	39
4.6	O APOIO MILITAR RUSSO	42
4.7	O USO DE MILITARES E MERCENÁRIOS RUSSOS	42
4.8	OS DEMAIS ATORES ENVOLVIDOS	45
4.9	A SAÍDA NORTE-AMERICANA DO CONFLITO	47
4.10	A NOVA RÚSSIA DE PUTIN	48
5	CONCLUSÃO	51
	REFERÊNCIAS	55

1. INTRODUÇÃO

A Rússia do século XXI mostrou ao sistema internacional crescimento econômico, reestruturação das políticas interna e externa, e melhora na qualidade de vida de seus cidadãos. Logo após o término da Guerra Fria e extinção da União Soviética, a Federação passou por graves crises políticas, econômicas e sociais. Ao assumir o poder, em 1999, Putin tinha como principal missão reerguer a “Mãe Rússia” a fim de fazer valer seu poder perante as demais nações.

No intuito de ampliar sua influência regional, a Federação Russa direcionou seus esforços para o Oriente Médio. Esta região é possuidora de recursos, além de ser uma área de passagem importante para os mercados do Mediterrâneo. A Síria, uma velha aliada soviética, despertou interesses na política externa da Era Putin.

O atual regime ditatorial de Bashar al-Assad, assim como o de seu pai, Hafez al-Assad, manteve laços diplomáticos e fidelidade aos russos, de quem compram armas e possuem proteção relativa contra tentativas de intervenção no seu conflito interno, principalmente através de resoluções da ONU. A relação bilateral foi selada em 1967, na Guerra dos Seis Dias¹, quando em troca da ajuda concedida, os russos foram autorizados a implantar uma base naval estratégica em Tartus, no litoral sírio. Ainda ativa, esta base é a única instalação militar russa no Mediterrâneo, com importância logística e estratégica.

A Primavera Árabe teve como essência as manifestações iniciadas em 2011 em países do Oriente Médio e do Norte da África e teve, como consequência direta, a queda de vários governos. Quando os levantes começaram na Síria, Moscou decidiu intervir rapidamente para contê-los, por meio do envio de tropas de combate a fim de contribuir para a manutenção e sustentação do regime ditatorial de Assad, além do combate ao Estado Islâmico. A intervenção militar da Rússia mudou a balança de disputa em favor do regime sírio e, neste diapasão, percebe-se que a aliança mantida entre Putin e Assad tem peso no arranjo internacional. A visão de Moscou

¹ A Guerra dos Seis Dias, ou Terceira Guerra árabe-israelense, foi travada entre os dias 5 e 10 de junho de 1967, tendo de um lado do conflito as forças armadas do Estado de Israel e, do outro, as do Egito, Síria, Jordânia e Iraque, que, por sua vez, receberam o apoio de Kuwait, Líbia, Arábia Saudita, Argélia e Sudão. Essa foi a guerra mais rápida travada entre árabes e israelenses e foi também a guerra que possibilitou a Israel expandir seu território, conquistando a Península do Sinai, a Cisjordânia, Gaza, Jerusalém oriental e as colinas de Golã.

busca saídas para os chamados mares quentes e, por isso, a Crimeia – que fora anexada em 2014, e a Síria são bases importantes para sua estratégia.

O presente trabalho busca entender a projeção de poder, a influência e o interesse russo no Oriente Médio, mais precisamente na Síria, em especial, durante os 20 anos da Era Putin (1999-2018) externando sua grande influência e liderança regional.

O trabalho segue dividido em três capítulos. O primeiro considera a forma como se deu o ressurgimento da Rússia após o término da Guerra Fria, enfatizando a ascensão de Vladimir Putin, o ressurgimento do espírito nacionalista e o renascimento do velho estatuto russo de grandiosidade e a forma como a Rússia começou a estruturar as linhas centrais da política externa. O segundo aborda como se deu o governo Putin e os pontos que levam a Federação Russa projetar poder e influência. Por fim, o terceiro versa sobre a conexão existente entre Rússia e Síria, especificando as consequências advindas da Primavera Árabe, que perduram até a atualidade, mostrar o interesse estratégico de Putin sobre o governo Assad e como se desdobra o apoio militar russo na região.

2 O RESSURGIMENTO DA RÚSSIA APÓS A GUERRA FRIA

2.1 A ASCENSÃO DE PUTIN

A Rússia, após o término da Guerra Fria, passou por graves crises sociais, políticas e econômicas. A presidência, na figura de Boris Yeltsin, ficou marcada na história por reformas políticas e econômicas mal aplicadas que deixaram o Estado em total colapso. De uma forma geral, as medidas adotadas nos anos 1990 por Yeltsin enfraqueceram consideravelmente e substancialmente o poder internacional do país e, paralelo a isso, a população - que criara grande expectativa, passou a não aceitar e receber com bons olhos as medidas econômicas liberais e socialmente conservadoras tomadas pelo líder russo.

A Rússia passou por uma transformação econômica, liderada por Yeltsin, implementando economia de mercado e trazendo à prática o conceito conhecido como "terapia de choque", com programas de privatizações, abertura do mercado e liberalização econômica – mudanças que seu antecessor, Mikhail Gorbatchov, tentou inserir antes do término da Guerra Fria no campo político com os programas *Perestroika*² e *Glasnost*³.

O conceito de "terapia de choque" foi estabelecido quando na década de 1990 a presidência favoreceu especuladores e abriu as portas para instituições financeiras, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e, até mesmo, o Departamento de Tesouro dos Estados Unidos da América (EUA), que tinha um projeto específico para recuperação e mudanças para economias em período de transição. A inflação ficou pautada na política da rígida austeridade, as taxas de juros chegaram a elevados índices para ajuste da moeda e restrição do crédito, os impostos foram aumentados de forma considerável e houve o bloqueio de subsídios do governo para a indústria de base e construção.

² Programa de abertura ao capital estrangeiro e fechamento de empresas deficitárias com a desmilitarização e a descentralização da economia que permitiu a liberalização do comércio exterior, dos preços, da moeda, e a eliminação dos limites de fabricação de produtos, a redução de subsídios à economia e a autorização de importação de produtos estrangeiros.

³ Programa de reestabelecimento do pluripartidarismo, abolição da censura, libertação de presos políticos e maior liberdade de expressão.

As atitudes de Yeltsin, mal geridas e supervisionadas de forma negligente, proporcionaram a formação de grupos que concentraram grande parcela da riqueza nacional e gerou, mais uma vez, enorme descontentamento populacional agravando a crise social. Com essa má distribuição de renda e riquezas nacionais a economia basicamente ficou estagnada e as ligações políticas domésticas que poderiam mudar o rumo e o panorama da reestruturação que a nova Rússia precisava ficaram de “mãos atadas”. Os ricos ficaram conhecidos como “oligarcas russos” e entraram para a história por supostos envolvimento em grandes conspirações de corrupção e escândalos sucessivos e alternados, prejudicando assim a imagem da Federação Russa no cenário internacional. Este acontecimento causou incerteza e grandes especulações nos investidores e, por isso, a economia saiu extremamente prejudicada.

Após a renúncia de Boris Yeltsin, Vladimir Putin, jurista de formação, doutor em economia e ex-agente da KGB⁴, assume, em 1999, como segundo presidente eleito da Federação Russa em meio a um clima de grande instabilidade social, política e econômica.

Na verdade, o novo líder apontou como único possível ganhador, sendo colocado numa posição de “salvador da pátria” ao oferecer o contraste de estadista necessário para reestruturação das políticas adotadas pela Rússia. Putin surge para o povo russo como o homem que irá restaurar e reerguer a nação novamente. Ele rapidamente aprendeu a liderar, a gerir diferenças, manter cautela quando não tinha conhecimento técnico do assunto e a assumir decisões tendo ciência de suas consequências. Nasce então um líder, de postura firme e dura, com autoridade extremamente respeitada e com fina capacidade de redirecionar os esforços internos e externos para a volta do crescimento que a Rússia necessita. A Federação, um local de extremos e cheios de contrastes, começou a sentir o desenvolvimento de um novo momento com a ascensão de Vladimir Putin e, sua política além de voltar a ser definida com assertividade,

⁴ Comitê de Segurança do Estado. Principal organização de serviços secretos da União Soviética. Atuava como uma polícia secreta e política que não tinha equivalente no mundo, porque se situava num nível completamente diferente dos outros serviços secretos, pois constituía igualmente um ministério. Era considerada uma organização militar totalmente independente das Forças Armadas. Putin desempenhou as suas funções entre 13 de março de 1954 e 6 de novembro de 1991.

teve uma inserção de estratégia interna para potencializar a recolocação russa no sistema internacional. Ao substituir Yeltsin, Putin direcionou esforços com atitudes duras e controladoras no âmbito interno, mas também, em paralelo, agiu com firmeza nas decisões externas que podem ser de interesse vital para a nação.

2.2 A VOLTA DO NACIONALISMO

A Rússia, apesar do passado imperial e com vivas heranças do comunismo, passa a ter uma postura de desenvolvimento de uma política unificada com interesses estratégicos e econômicos bem definidos. O objetivo era recuperar o poder e influência que eram marcas desta grande nação. O posicionamento de suas novas fronteiras, fortificação e valorização da cultura, atenção e cuidado com a sociedade e o amplo desenvolvimento interno fizeram da Rússia outro Estado que anteriormente não existia no mapa político ou geográfico mundial. De fato, a procurada identidade russa ainda está em definição, realizando um misto de heranças do glorioso passado e procurando aprender novas formas de lidar com um contexto político, social, econômico e estratégico. Apesar de ainda incluir, vivenciar e disseminar muitos elementos do passado, a Rússia de hoje, apesar da crescente assertividade política implantada no século XXI, governação vertical, centralizada com estilo autoritário, é um novo país, procurando afirma-se num contexto regional ampliando sua influência e poder no arranjo internacional.

A Federação Russa ocupa o território de 17.075.400 km² e, por isto, seu atual líder, Vladimir Putin, desde o início, expressou e continua dando grande importância a proteção e afirmação de suas fronteiras. A Rússia tem espaço geograficamente privilegiado, pois faz parte de dois continentes, o Leste Europeu e o Norte da Ásia. Na atual conjuntura, faz fronteira com quatorze países: a Noruega (167 km), a Finlândia (1.313 km), a Estônia, a Letônia (294 km), a Bielorrússia (959 km), a Lituânia (227 km), a Polónia (206 km), a Ucrânia (1.576 km), a Geórgia (723 km), o Azerbaijão (284 km), o Cazaquistão (6.846 km), a China (3.645 km), a Mongólia (3.441 km) e a Coreia do Norte (19 km). Além de possuir ilhas, arquipélagos e a anexação recente da península da Criméia, por questões geográficas advindas do mar, a Federação está próxima dos EUA, Suécia e Japão, dos quais os seguintes

trechos os separam, respectivamente: o estreito de Bering, o mar Báltico e o estreito de La Pérouse.

A Rússia possuía um imenso efetivo nas suas forças armadas, necessitando reformulação e Putin, ao pensar na defesa nacional e interesses externos, direcionou seus esforços para aumentar a qualidade com a implantação de uma reforma militar. O objetivo era ter uma Rússia forte e estável e, para tal, seriam direcionados mais recursos a fim de contribuir para maior especialização das forças armadas com o intuito de atingir maior eficiência. Cabe ressaltar que os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos da América refletiram na alteração de poder e percepções de ameaça em todo planeta e a Federação Russa aplicou medidas tecnológicas internas com o objetivo de mostrar à sociedade a importância do nacionalismo para a defesa da pátria.

A carreira política de Vladimir Putin começou em São Petersburgo nos anos 1980, quando foi nomeado assessor do prefeito da Cidade. Mais tarde, já no comando da FSB⁵, Putin se destacaria como “homem de ferro” a frente da entidade, sendo, então, nomeado primeiro-ministro em 1999. Ao começar a receber enorme aclamação popular, este líder aproveitou a oportunidade para implementar seus desejos e mostrou a toda população que caminhar segundo suas convicções seria fundamental para o crescimento econômico com melhoras sociais. Seu caráter patriótico em suas declarações sobre a Chechênia foi essencial para, perante o povo russo, fazer surgir em meio a um enorme clima de tensão interno a oportunidade do renascimento da Grande Nação Russa, pois ousaria enfrentar as advertências do governo norte-americano em relação à Chechênia, lançando mão, inclusive, de uma invasão militar para combater os terroristas.

No contexto do século XX, as características históricas da “Mãe Rússia”, continuamente requereram uma liderança forte, a exemplo dos antecessores de Vladimir Putin, e uma espécie de alta responsabilidade do Estado acerca do bem-estar da população, o qual era garantidor e responsável

⁵ *Federal Security Bureau* (Serviço Federal de Segurança da Federação Russa). É uma agência russa de serviços de informação que sucedeu ao KGB no que tange a assuntos internos. Foi criada em 12 de abril de 1995.

direto de um aparato de políticas favoráveis as melhoras de qualidade de vida que englobavam saúde e educação gratuitas, moradia e alimentação subsidiadas, políticas de pleno emprego e acesso gratuito à cultura. (SPERANCETE, 2017, p. 148). O atual chefe do Kremlin inicia o século XXI com a árdua missão de elevar os padrões da sociedade e, para tal, Luiz Fernando Mocelin Sperancete diz que Putin “ressuscita a histórica ideia que permeia o imaginário russo de que aqueles que não são russos são considerados “o outro””. Esta ideia remonta o objetivo de efetivamente priorizar e aumentar as políticas de valorização e melhoria da qualidade de vida da população russa (2017, p. 149).

Putin fez renascer dentro de cada cidadão o espírito nacionalista que existia no período de ouro da União Soviética no pós-Primeira Guerra Mundial, onde a maioria da população acreditava na grandeza da Federação e que aquele Estado era seu. Nos anos 1990, esta percepção apresentou sinais de puro enfraquecimento, tendo em vista o fato de que as medidas impostas pelo governo Yeltsin representavam a imagem de que a Rússia não tinha uma identidade própria. Isto era uma fraqueza e a possibilidade da volta do velho estatuto russo de grandiosidade era algo concreto, palpável e não mais abstrato.

Por isso, aponta Maria Raquel Freire (2012), que:

“As políticas e práticas identitárias russas têm seguido o seu próprio modelo de desenvolvimento, descrito como democrático, mas implicando uma política forte, centralizada a nível doméstico de modo a assegurar ordem e estabilidade”. (FREIRE, 2012, p. 12).

De acordo com Sperancete (2017, p. 149), a estratégia de remontar algumas políticas do período da União Soviética, como a exposição de heróis da Grande Guerra Patriótica (Segunda Guerra Mundial) e da corrida espacial em cerimoniais públicos foi extremamente positiva e bem vista, além de buscar enaltecer o próprio período soviético como um momento marcante e de auge na história do país, cujos alguns traços deveriam ser mantidos na sociedade. Nesse contexto, uma das primeiras e mais consolidadas medidas tomadas pela presidência, que fortificaria a ideia do verdadeiro e intenso amor à pátria e o fortalecimento do espírito nacionalista, foi a de colocar em prática o conceito de

“cidadão”⁶ da era soviética, a saber, manter as duas faces do povo russo: os “*russskii*” e os “*rossiyanin*”. Os primeiros são os russos étnicos, nascidos de pai e/ou mãe russos, mesmo que não vivam na Rússia, enquanto os segundos são considerados quaisquer cidadãos que nascem e vivem na Rússia (cidadão por nascimento ou vivência), mas não necessariamente russos étnicos.

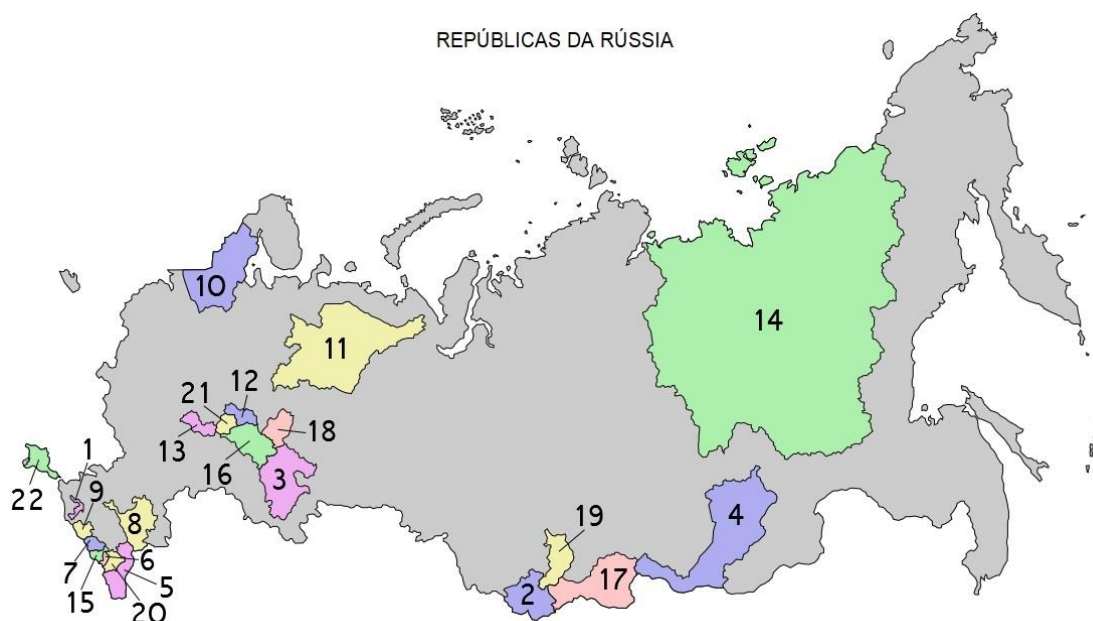
A aplicação de tal conceito por Putin individualiza e torna o cidadão russo parte fundamental e essencial da nova estratégia de proteger seus nacionais dentro e fora da fronteira, devendo ser defendido em qualquer lugar e situação. Tal fato mudou o panorama das políticas da Federação apresentando como consequência direta a legitimação das ações do governo Putin tanto no âmbito interno quanto no âmbito externo ao longo dos anos 2000, tendo em vista que o líder hegemônico “buscou alcançar a reconstrução dos cidadãos como objeto do espaço político russo para dar substância à ideia de superioridade da sociedade russa acima de qualquer outro tipo de sociedade” (SAKWA, 2008, p. 205). Na história da humanidade, as preocupações com os limites territoriais sempre resultaram em algum tipo de fator que tem o poder de interferir nos desdobramentos nas áreas política, econômica e social. Desde o reconhecimento da soberania estatal e do conceito de Estado-nação, na Paz de *Westfália*⁷, o mundo percebeu que deveria agir através da diplomacia e das negociações para acabar com embates e conflitos destrutivos e avassaladores. Por isso, Putin ao pregar a proteção do Estado e da população confere a toda a sociedade a importância do espírito nacionalista que será usado em prol da “Mãe Rússia”.

⁶ Este conceito de cidadão, conforme destaca Ângelo Segrillo, apresenta-se para Putin como algo análogo à ideia do “homem soviético” imaginado por Stalin (grande personalidade russa do século XX), criado através de uma revolução cultural ostensiva, destinada a glorificar a Revolução, com “imenso esforço de elevação do nível educacional e cultural das massas soviéticas para fornecer a mão de obra qualificada necessária para operar a nova economia (e, pelo menos teoricamente, criar um novo homem soviético, socialista e mais solidário coletivamente)” (SEGRILLO, 2015, p. 200).

⁷ Assinado em 1648, a Paz de *Westfália* estabeleceu os princípios que caracterizam o Estado moderno, destacando-se a soberania, a igualdade jurídica entre os Estados, a territorialidade e a não intervenção. Engloba uma série de acordos entre países europeus. O conflito envolveu desde Alemanha, países escandinavos até a Espanha. O modelo de acordos e tratados entre essas nações é considerado por muitos um dos marcos da diplomacia e do direito internacional moderno. A Paz de *Westfália* foi o acordo feito entre os países europeus envolvidos na Guerra dos Trinta Anos (denominação genérica de uma série de guerras que diversas nações europeias travaram entre si a partir de 1618, por motivos variados: rivalidades religiosas, dinásticas, territoriais e comerciais. Foi um dos maiores e mais destrutivos conflitos da história).

Existem 22 divisões, listadas e ilustradas abaixo, de primeira ordem da Federação Russa e estas possuem estatuto de República Autônoma. Há três áreas onde elas basicamente se concentram: o norte do Cáucaso, a área entre o rio Volga e os montes Urais e a região do lago Baikal. Cabe ressaltar e destacar que a Crimeia foi anexada recentemente e provocou reações favoráveis e desfavoráveis no cenário internacional.

Figura 1 - Repúblicas da Rússia



1-Adiguésia, 2-Altai, 3-Bascortostão, 4-Buriácia, 5-Daguestão, 6-Inguchétia, 7-Cabárdia-Balcária, 8-Calmúquia, 9-Carachai-Circássia, 10-Carélia, 11-Komi, 12-MariEI, 13-Mordóvia; 14-Sakha/Lacútia; 15-Ossétia do Norte-Alania; 16-Tartaristão; 17-Tuva; 18-Udmúrtia; 19-Cacássia; 20-Chechénia; 21-Chuváchia e 22-Crimeia.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Republicas_da_Russia (2019)

Conforme a história russa, as fronteiras sempre apresentaram significativa importância para a liderança política do país e, nos períodos *czarista* e soviético, Moscou sempre teve característica expansionista e, além disso, se defendeu de tentativas estrangeiras frustradas de invasão (Napoleão Bonaparte e Adolf Hitler). Com isso, Vladimir Putin usa o histórico da “Mãe Rússia” como base para colocar em pauta a soberania nacional, na qual a sobrevivência da Federação é peça fundamental para a retomada do crescimento digno de um povo forte e destemido. (SPERANCETE, 2017, p. 151). Ainda conforme Luiz Fernando Mocelin Sperancete (2017):

“A política externa capitaneada por Putin é utilizada como meio para amalgamar o apoio da população russa em torno de um projeto nacional que vise, em última instância, a garantia do papel da Rússia outrora perdido com o colapso soviético, a saber, o status de grande potência internacional. Desta forma, as ações russas na Chechênia, nas “revoluções coloridas” na Geórgia e na Ucrânia no começo da década de 2000, na reação à expansão da OTAN⁸ e União Europeia sobre o Leste Europeu e o papel crescente dos oficiais militares, de inteligência e diplomatas na vida política do país, são elementos que dão os contornos da estratégia nacionalista de Putin tanto internamente quanto externamente” (SPERANCETE, 2017, p. 151).

Portanto, o povo russo sente novamente a crescente do espírito nacionalista, através de alterações propostas e implementadas por Vladimir Putin, em todo território e, em prol dessa manutenção, irá apoiar Putin nas suas ideias e resoluções.

2.3 AS MUDANÇAS NA POLÍTICA INTERNA E EXTERNA

O posicionamento e a lealdade das elites e grupos que concentravam grande parte da riqueza nacional com o poder central sempre foram fundamentais elementos na história da “Mãe Rússia”. Segundo Maria Raquel Freire, o efetivo controle de vozes dissidentes, o acompanhamento e a punição de movimentos políticos de oposição e a monitorização midiática foram práticas relativamente comuns nos tempos *czaristas* e sob o forte regime soviético. Estas práticas são, também, visíveis na Rússia de hoje. A concentração excessiva do poder, com efeitos concretos e até abstratos nas políticas domésticas e na política externa, aliada à verticalidade da autoridade, concentrou em ampla medida as decisões nas mãos do presidente sem grande margem para negociações ou cedências (FREIRE, 2012, p. 42).

Ainda conforme Maria Raquel Freire (2012):

“Percebe-se que o meio internacional é regulado, basicamente, por normas que visam a definição de novas regras, limites, fronteiras e códigos de conduta com o principal objetivo de enquadrar as relações internacionais entre os diferentes atores, bem como de equilibrar visões diferenciadas, determinações e desejos contraditórios. As normas constituem, deste modo, um aspecto fundamental da vida internacional, afetando os processos de decisão global condicionando ou estimulando decisões e atitudes que devem ser executadas para um bem maior. Neste caso, a Era Putin visa através do controle extremamente centralizador colocar ordem doméstica, com medidas duras e radicais, e reestruturar as relações externas para recolocar a

⁸ Organização do Tratado do Atlântico Norte. É uma aliança militar intergovernamental baseada no Tratado do Atlântico Norte, que foi assinado em 4 de abril de 1949. A organização constitui um sistema de defesa coletiva através do qual seus Estados-membros concordam com a defesa mútua em resposta a um ataque por qualquer entidade externa à organização.

Federação Russa dentro do “jogo” internacional a fim de equilibrar a balança de poder. Neste diapasão, percebe-se que as relações no sistema internacional tendem ao cumprimento de determinadas normas e aguardam por determinados tipos de comportamentos e, por isso, as normas que nascem, dentro de um contexto, de atores internacionais aguardam a interpretação e como se darão a implementação pontual e global” (FREIRE, 2012, p. 9).

A bilateralidade que existe entre as decisões que envolvem as mudanças e as novas aplicações na forma de fazer política foram de total prioridade no início do governo Putin. De fato, a Rússia precisava rever toda estruturação de sua política interna e externa para efetivamente alavancar o crescimento que toda sociedade exigia e aguardava. Para Maria Raquel Freire (2012):

“As questões sobre identidade nacional juntamente com percepções domésticas e externas sobre as capacidades e reafirmação da Rússia no espaço pós-soviético, estendidos ao seu posicionamento no sistema internacional, sublinham a política externa do país” (FREIRE, 2012, p. 12).

E de fato ditam a nova política que Putin implementa. A atual Rússia é modernizada e não tem o mesmo *status* imperial dos Czares e nem da União Soviética, contudo possui novas fronteiras geopolíticas, um modelo forte de desenvolvimento próprio e sabe utilizar muito bem de seus recursos minerais para considerável crescimento econômico e social.

As modificações internas influenciam de forma direta e até de forma indireta nas externas e, tudo que ocorre no cenário internacional alavanca ou trava acontecimentos internos. As mudanças propostas pelo novo governo do século XXI e as novas formas de modelar a política externa deixam a relação interno/externo assimetricamente bidirecional. Logo, estas duas dimensões estão interconectadas e possuem certa dependência. O interesse nacional, a definição de identidade e as percepções sobre “nós” e o “outro” sobrepõem-se a dinâmicas externas, no sentido em que os Estados priorizam estritamente os objetivos nacionais na formulação da política externa, mas não estão imunes e não podem deixar de lado as dinâmicas domésticas e externas. Por isso, a história marca como um ponto de inflexão a entrada de Putin como Chefe de Estado, pois anteriormente nos anos 1990 a Rússia não possuía uma identidade definida. O Estado, com o principal objetivo de não ser contrariado ou contestado, enquanto se organiza, tem o papel de controle específico da opinião

pública, representações civis, organizações não governamentais, sejam elas favoráveis ou estritamente desfavoráveis.

Como toda nação, a Rússia possui suas divisões internas que externam pensamentos diferentes no que tange a modelos a serem seguidos, estudados e implementados. Com a retomada do pensamento geopolítico que foi colocado em pauta na Era Putin, começaram a existir as seguintes vertentes: Ocidentalistas e Eurasionistas. Aqueles, também conhecidos como Atlantistas, possuem características integracionistas, das quais pretendem que a Rússia sacrifique a sua soberania à integração com o império ocidental. Afirmam categoricamente que o papel histórico da Rússia no espaço eurasiático deixou de existir. Suas tentativas, basicamente, são a utilização da teoria econômica neoliberal para enredar o Chefe do Kremlin e romper o controle da Rússia sobre a sua própria economia, restabelecido por Putin após os anos drásticos e melancólicos de Yeltsin em que a Rússia foi saqueada por interesses estrangeiros e que a população enfrentou graves crises econômicas, sociais e políticas. O Eurasionismo é um organismo de caráter partidário que trabalha na defesa das tradições internas (culturais) e sua peculiaridade geopolítica em contraposição à modernização ocidentalizadora da globalização. Este é um novo pensamento geopolítico que valoriza e expõe o fortalecimento da Federação Russa e a ampliação de sua área de influência, de forma a retomar a projeção de poder perdida nos dois governos anteriores ao de Vladimir Putin, sobretudo no que se denomina de Eurásia⁹, demonstrando assim o deslocamento geográfico da antiga área de influência soviética: do Leste Europeu para a Ásia Central. A partir dos governos Putin e Medvedev, a ideia central visa fortalecer o poder da Rússia na Eurásia, a partir de uma postura cultural e geopolítica totalmente distinta da pregada no Ocidente. Assim sendo, o cenário interno mostra um discurso multidimensional que tem implicações diretas e indiretas na política externa. A política externa da Federação se tornou multivetorial¹⁰ e consegue conciliar as diferenças existentes ao nível das elites políticas, externando ao mundo “três

⁹ Massa que é formada no conjunto Europa e Ásia - No mundo, só estes dois continentes estão interligados geograficamente. São separados pela Cordilheira dos Montes Urais, localizado na Rússia, pelo Rio Ural, pelo Mar Negro e pelo Mar Cáspio.

¹⁰ Decisão de fazer uma política externa que dê conta de sua complexidade geopolítica. A Federação atacaria várias frentes e não somente a região da Comunidade dos Estados Independentes, que sempre foi a principal área tradicional de atuação russa.

pressupostos fundamentais: reconhecimento da Rússia enquanto grande potência, não interferência nos seus assuntos internos e desenho de uma ordem internacional multipolar” (FREIRE, 2012, p. 15).

O líder russo do século XXI idealizou esses pressupostos como pilares da reestruturação da “Mãe Rússia”, pois era necessário recolocar a nação no mesmo patamar das grandes potências internacionais. Ao passo que Putin implementa políticas internas de não aceitação de opiniões externas sobre seu quintal, ele teve a capacidade de novamente influenciar nas decisões políticas na esfera internacional.

Vladimir Putin tinha como objetivo afirmar perante o cenário internacional a Federação como grande potência e trazer o aspecto da modernização para todas as áreas da sociedade. Ao iniciar suas mudanças, no âmbito interno, ele optou pela linha dura e agiu com autoritarismo com a oposição além da extrema centralização para as políticas de melhoras econômicas. De acordo com Tiago Colombo Lazzari (2011):

“Muito do ativismo promovido por Putin na inserção internacional da Federação Russa é com frequência atribuído à recuperação econômica possibilitada pelas exportações de hidrocarbonetos, na forma de gás natural, petróleo e seus derivados, matérias-primas cujos preços nos mercados internacionais sofreram uma constante ascensão no decorrer da primeira década do século XXI” (LAZZARI, 2011, p. 62).

O Estado passou a interferir na forma como as empresas estrangeiras iriam direcionar recursos para impulsionar o desenvolvimento econômico e social do país e Tiago Colombo Lazzari (2011) diz que:

“No que concerne a relação da Rússia com as ex-repúblicas soviéticas, a proeminência da questão hidrocarbonetos na política externa regional se deve à dupla importância do país: tanto os países produtores quanto os consumidores na região dependem da Rússia como intermediária, dada sua posição geográfica, ao que se adiciona a própria importância deste país no mercado energético regional” (LAZZARI, 2011, p. 63).

Com esta afirmação fica evidente como o novo governo prossegue na utilização eficaz e eficiente de sua geoestratégia para envolver as ex-repúblicas com o objetivo de ampliar a projeção de poder da Federação.

Após o fim da União Soviética era necessário encontrar um equilíbrio entre os objetivos de política externa e a inserção no contexto internacional. Fato que não fora encontrado por Mikhail Gorbatchov antes do término da Guerra Fria

e por seu sucessor Boris Yeltsin. Dessa forma, a década de 1990 permitiu ao Estado, na figura de suas lideranças, um grande aprendizado e as lições resultaram na “revisão e adoção de documentos fundamentais, como o Conceito de Política Externa, o Conceito de Segurança Nacional e a Doutrina Militar” (FREIRE, 2012, p. 17).

Estes documentos foram essenciais, pois nortearam as preferências e formas de atuação que iriam ajustar as decisões nos âmbitos domésticos e internacionais. O Conceito de Política Externa atualiza e revisa áreas chaves e metas da política externa para refletir as mudanças na arena internacional. O Conceito de Segurança Nacional visa a interação entre as autoridades do Estado, organizações e associações públicas da Federação da Rússia no domínio da proteção dos interesses nacionais e a segurança dos indivíduos, da sociedade e do Estado. A Doutrina Militar, com características essencialmente defensivas, define metas, tarefas e orientações das forças armadas levando em conta a atual situação político-militar global, todavia não deixando de planejar e estar atento a possíveis ações ofensivas.

Desde que assumiu o poder, Vladimir Putin:

“Conferiu substância ao conceito de política multivetorial, o que permitiu continuidade e estabilidade às relações externas da Rússia ao incluir a Comunidade de Estados Independentes (CEI) como área prioritária, bem como as dimensões ocidental e asiática na agenda” (FREIRE, 2012, p. 17).

Deste modo, Putin conseguiu controlar as vozes distintas no Kremlin e aumentar a projeção dos interesses da nação. A CEI propõe uma cooperação econômica entre os Estados recém independentes, após o término da União Soviética, buscando manter a influência e relação política soviética, porém, respeitando a soberania política de cada nação. A principal proposta é instituir uma cooperação econômica entre os membros, além de desenvolver e fortalecer relações de amizade e ajuda mútua.

Em 2008, estrategicamente com o objetivo de se manter no poder, Putin, que não poderia concorrer, se torna primeiro-ministro e passa a disputa à presidência para Dmitry Medvedev. No verão daquele ano, ocorreu o fato que causou preocupação nas relações internacionais da Rússia com o ocidente: A

Guerra da Geórgia. Este conflito representou um ponto de inflexão no sentido de que a Rússia se impôs ao domínio e grande influência que era exercido pelo ocidente e, principalmente, pelos Estados Unidos da América. A Federação promove uma ordem internacional multipolar com a essência de se opor, na região, à hegemonia dos EUA. Com isto, passa a enxergar a influência americana diminuir progressivamente e considera a União Europeia como uma unidade econômica e não somente política ou militar. Os fatos ocorridos na Geórgia ressaltam claramente uma postura ofensiva, entretanto simultaneamente defensiva, da política de Putin. Esta ação militar tinha como uma de suas fundamentações a proteção de cidadãos russos que vivem na Ossétia do Sul e, de forma indireta, Moscou pretendia travar a expansão da presença ocidental na área da CEI, e deixar um sinal bem claro de aviso às antigas repúblicas quanto ao seu poder e influência. Por outro lado, deixou a mensagem de que a Rússia quer ser ouvida e se mantém disponível para dialogar e debater as circunstâncias de modo a não abalar as relações internacionais. Na reformulação das administrações implementadas por Putin e Medvedev, por razões óbvias de segurança para defesa nacional, econômica e de excessivo orgulho nacional, tem-se considerado a projeção da influência russa no seu “quintal próximo”, ou seja, nas ex-repúblicas soviéticas que se emanciparam em 1991, com o término efetivo da Guerra Fria e extinção da União Soviética para cada vez mais mostrar a grande importância e dar qualidade na forma de conduzir sua política externa.

Sabe-se que Putin, na figura de primeiro-ministro (2008-2012), continuou exercendo seu poder e influência sobre o governo de Medvedev e para tal, deve-se entender como funciona o sistema político na Rússia. Segundo Angelo Segrillo, a Constituição não prevê um sistema presidencialista extremamente forte. Isso provocou especulações sobre um possível futuro conturbado entre o funcionamento da diarquia. Afinal, como poderia Putin continuar mandando no país no cargo de primeiro-ministro quando o poder se concentra na presidência? Conforme explica Segrillo, a Constituição russa de 1993 segue um modelo francês do semipresidencialismo em vez de presidencialismo puro e único. O cargo de primeiro-ministro é poderoso e se reafirmou pelo fato de Putin ter a maioria do parlamento russo ao seu lado, além

do apoio extremamente numeroso da sociedade. Um regime semipresidencialista é aquele em que há um presidente e um primeiro-ministro e ambos têm papéis distintos definidos e de importância comparável. Na Rússia, como na França, o presidente cuida da política externa e da segurança do país, enquanto o primeiro-ministro trata dos assuntos internos, a saber, economia, política e atividades sociais (SEGRILLO, 2011, p. 140-141).

Ainda segundo Angelo Segrillo (2011, p. 142), Putin é um ocidentalista moderado e discreto, apesar do mesmo manter uma espécie de *low profile* em sua exposição. Como bom ex-agente do *Komitet Gosudarstvenno Bezopasnosti* (KGB), ele é, por excelência, pragmático. Além disso, Putin foi intitulado como *gosudarstvennik*: um defensor de um Estado forte que possui a rédeas e total controle nas mãos. Esta terceira característica é importante para se entender algumas das aparentes contradições de seu comportamento frente ao Ocidente. A colocação moderada é interessante, pois este grande líder substituiu Yeltsin, que era um ocidentalista amplamente mais aberto e inequívoco de decisões polêmicas com consequências drásticas. Nos primeiros anos de seu governo, Putin aparentou estar desmobiliando a estrutura ocidentalista de seu antecessor. Contudo, na verdade, não foi exatamente isto que ocorreu. Nos anos 1990, a Rússia estava enfraquecida economicamente e seu governo desejava vencer rapidamente as últimas resistências internas à sua saída do regime socialista. Assim, Yeltsin seguiu uma política alinhada aos parceiros ocidentais e começou a travar verdadeiros embates com os adeptos ao regime que outrora fazia parte da “Mãe Rússia”. Na Era Putin, a Federação provou de uma recuperação econômica, através de melhoras circunstanciais no volume do mercado financeiro, advindas de uma política forte e com consistência. Nasceu, então, um verdadeiro misto de versatilidade e assertividade na defesa dos interesses internos para formar uma base capaz de aumentar a projeção de poder, usando como alicerce fundamental a polêmica personalidade do Chefe do Kremlin. É importante notar que este país desde há séculos está acostumado a ter um papel no mundo ou de grande potência (tempos *czaristas*) ou de superpotência (tempos soviéticos). Uma Rússia extremamente enfraquecida, como nos anos 1990, que possui o poder do veto do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) criado após o término da Segunda Guerra Mundial, é uma absoluta

exceção que precisaria, urgentemente, de um líder hegemônico para atuar em todas as frentes que a sua geopolítica requer.

No que tange as suas políticas de administração, Putin, equilibra duas vertentes que se destacam em seu quintal: os *siloviki* e os “civis”. Aqueles são basicamente ex-membros dos grupos de segurança e das forças armadas, que possuem um projeto político que busca alcançar uma economia com forte intervenção estatal, seja pela regulação, seja pela participação direta do Estado com “mãos de ferros” em alguns setores essenciais, como o de recursos minerais, por exemplo. O outro grupo possui características mais liberais, no sentido que desejam uma economia competitiva, mais baseada na empresa privada que em uma sólida participação direta do Estado. Putin, nas suas coordenações internas procura achar um meio termo a fim de alcançar um equilíbrio ao coordenar os esforços de modo que o resultado final seja um projeto político-econômico exequível no país. (SEGRILLO, 2011, p. 144). A crise econômica iniciada em 2008 atingiu a Federação Russa com impactos diretos no Produto Interno Bruto (PIB) e, com isso, notou-se nitidamente uma maior abertura ao capital estrangeiro, ao passo que se sentiu a necessidade de dar condições reais ao setor privado para se desenvolver e aumentar a capacidade de produção. Neste momento Medvedev é o Chefe de Estado com Putin na cadeira de primeiro-ministro e não se sabe ao certo se o modelo baseado em forte intervenção ou regulação estatal do início do século XXI perdeu forças ou se a postura do novo presidente tem tido um peso nas decisões. Todavia, pode-se ter uma tendência a concluir que o primeiro-ministro detinha o poder e possuía as rédeas da situação, ou seja, a Era Putin continuava “a todo vapor”.

Medvedev tem um misto de ocidentalista, eslavófilo¹¹ e eurasianista. Ele é possui características mais voltadas para o lado ocidentalista em comparação com seu antecessor, entretanto não tão exagerado e displicente como Boris Yeltsin. (SEGRILLO, 2011, p. 146). Por isso, entre os anos de 2008

¹¹ Movimento intelectual originário do século XIX que queria que o Império Russo se desenvolvesse sobre valores e instituições derivadas de sua história inicial, opondo-se às influências da Europa Ocidental na Rússia. Os eslavófilos estavam determinados a proteger o que acreditavam serem tradições e cultura russas únicas. Ao fazer isso, eles rejeitaram o individualismo. O papel da Igreja Ortodoxa era visto como mais significativo do que o papel do Estado.

e 2012 o mundo viu uma postura um pouco diferente da adotada por Putin logo quando assumiu o poder. Para exemplificar a grande influência do primeiro-ministro, num espaço de tempo reduzido, foi feita uma mudança na Constituição de 1993 aumentando para as próximas eleições o mandato do presidente para seis anos e o dos deputados para cinco. Conforme Angelo Segrillo (2011, p. 148), a diarquia tem “um jogo de *good cop, bad cop*, ou seja, o tradicional jogo do interrogatório de criminosos em que um “policial mau” intimida ferozmente o prisioneiro alternando com um “policial bonzinho”, que tenta conquistar a confiança deste. Neste sentido, Putin faria o papel de “durão”, enquanto Medvedev faria o papel do mais “liberal”, “democrático” e “aberto ao Ocidente”. Como sugerido nas observações anteriores, estes são papéis que caem naturalmente nos dois. Medvedev é mais “ocidentalista” e liberal que Putin”. Assim, este papel de “homem com punhos de ferro”, quando se faz necessário, fica a cargo de Putin. O papel de Medvedev é tentar angariar o público interno para uma retórica de aumento de democracia e atenção total ao combate à corrupção e o público externo para uma demonstração que a Rússia é um país que quer seguir o caminho das potências democráticas ao estar aberto as conversações com o objetivo de agregar suas relações internacionais e, principalmente, que quer ser ouvido e estar inserido no arranjo mundial.

Entre os anos 2000 e 2008, a política externa de Putin se definiu em colocar o país numa posição multipolar, pois a Rússia tinha o objetivo de alcançar o equilíbrio adequado internamente e externamente. Ela fez sondagens de prováveis polos que poderiam agregar a todo crescimento planejado pelo Chefe do Kremlin. No período da diarquia, Putin-Medvedev, entre os anos 2008 e 2012, Vladimir Putin, na figura de primeiro-ministro, continuou liderando a nação e mostrando seu poder e influência para dar prosseguimento em seus projetos e anseios. De 2012 a 2018 a Rússia viu Putin vencer as eleições com maioria esmagadora e, mais uma vez, reafirmava-se a confiança que a sociedade depositava neste líder hegemônico. Seus projetos, nos âmbitos doméstico e externo, foram incrementados, as políticas de ampliação de projeção de poder e influência alcançaram diferentes dimensões no cenário internacional equilibrando a hegemonia exercida pelos norte-americanos. A partir de 2014, na terceira vez em que Putin esteve à frente do comando, com a

assinatura do acordo intergovernamental e, de acordo com a Lei sobre Novos Territórios Federais, a península da Crimeia tem a possibilidade e capacidade de considerar-se parte integrante da Rússia. Baseado neste fato, ocorreu a anexação desse território. Este processo não é reconhecido por várias nações, nas falas e posicionamentos de seus principais líderes e, principalmente pela Ucrânia, que contesta o tal tratado condenando as ações executadas pela Rússia. A anexação é responsável pela pior e mais recente crise após o término da Guerra Fria entre Oriente e Ocidente. Mais uma vez a tensão aumentou em ambos os lados, contudo o Chefe do Kremlin conseguiu exercer sua vontade diante da oposição ucraniana. Assim sendo, ao longo do século XXI, Vladimir Putin, em suas ações políticas, apresentou maior proatividade na esfera das relações internacionais. O território russo foi diminuído após o fim da União Soviética, entretanto com a presença de Putin tornou-se um projeto o reestabelecimento emergencial da influência sobre as antigas fronteiras, constituindo parcerias, ligações e pactos ao procurar unir as nações ex-soviéticas em organizações com possíveis cooperações militares e comercial. De fato, a política russa caminhou na linha tênue da adaptação às alterações do próprio sistema internacional, sendo ela própria um elemento que tem contribuído diretamente para estas alterações. Por isso, a interligação entre o internacional e o doméstico são indissociáveis da política e, desde cedo, Putin definiu como principal objetivo da sua política externa a recuperação e reconhecimento mundial do estatuto de grande potência e até mesmo de superpotência, permitindo-lhe a participação nas grandes decisões internacionais.

A Rússia teve como opção a possibilidade de atuação militar na guerra híbrida¹² da Síria e, com isso, mostrou ao mundo que possui interesses políticos e geoestratégicos na região. O papel russo no conflito evidencia a capacidade deste país em atuar como polo de poder no Sistema Internacional e mostra a todos a intenção de lutar pelo equilíbrio de poder outrora exercido pelos

¹² É uma estratégia militar que mescla táticas de guerra política, guerra convencional, guerra irregular e atividade terrorista com outros métodos de influência, tais como *fake news*, diplomacia, *lawfare* e intervenção eleitoral externa. Ao combinar operações de campo com esforços subversivos, o agressor pretende evitar responsabilização ou retaliação. O termo guerra híbrida pode ser utilizado pra descrever a dinâmica complexa e flexível do espaço de batalha, demandando uma resposta altamente adaptável e resiliente.

Estados Unidos da América. (PICCOLLI; MACHADO; MONTEIRO, 2016, p. 190). Ao longo do início do século XXI, a Federação expandiu suas intenções políticas externas em não somente atuar na área de suas ex-repúblicas, mas também, em específico, no Oriente Médio, sendo este considerado seu “novo quintal” e a Síria, na atualidade, tem sido seu esforço principal.

De fato, o caso da readaptação na abordagem russa, em sua política externa na busca de aumento de projeção de poder na Síria, combina diferentes tipos de decisões e, a mais aplicada é a não aceitação da Rússia, através do veto, a qualquer tipo de intervenção pelo CSNU. A atuação militar russa na Síria é combinada com guerra política e informacional, sendo o objetivo final de Moscou pressionar o Ocidente para realizar a transição política na Síria, garantindo assim a manutenção da influência russa em posto avançado no Oriente Médio (PICCOLLI; MACHADO; MONTEIRO, 2016, p. 192).

3 O GOVERNO PUTIN E O ORIENTE MÉDIO

3.1 A HEGEMONIA DE PUTIN

Vladimir Putin assumiu o cargo de primeiro-ministro do governo em 1999. Na época, Boris Yeltsin, presidente da Rússia, enfrentou um conturbado período marcado por baixo índice de crescimento econômico e imensa desigualdade social devido sua gestão. Yeltsin renunciou e, de imediato, indicou Putin para assumir a cadeira presidencial. O ex-agente da KGB possuía apoio da sociedade e com o objetivo de recolocar a Rússia no caminho do crescimento tratou de iniciar mudanças na forma de condução dos setores econômico e político. Num curto período, o Chefe do Kremlin conseguiu retomar a confiança de investidores nacionais e internacionais e recolocou a “Mãe Rússia” no caminho do crescimento econômico. Com suas decisões assertivas, os russos começaram a sentir melhoras sociais e, por isto, este líder acabou estabelecendo um governo forte pelo qual se constituiu a Nova Rússia dos anos 2000.

Com a regularização dos salários e aposentadorias, a satisfação popular dava mais força para o presidente continuar demonstrando sua competência e aptidão para estar à frente da nação. A Era Putin começara o mandato com autonomia e aprovação popular e, no início do século XXI, era comum fazer comparações correlatas com a Era Yeltsin, onde a Rússia passou por graves e sequenciais crises econômicas e sociais.

Estando apenas atrás da China e Estados Unidos, a Rússia se apresenta como um dos maiores líderes mundiais de recursos energéticos. Sua posição geográfica é extremamente privilegiada e, por isso, possui a maior reserva de gás natural e só perde para os EUA, todavia ela ainda é a maior exportadora global deste importante recurso energético (CHAGAS, 2014 p. 80).

Maria Eduarda Buonafina Franco Dourado (2016) diz que:

“A Rússia é um dos maiores produtores de petróleo do mundo e Putin contou com a subida dos preços do barril de petróleo para reorganizar a economia, onde ele pôde investir no desenvolvimento do país e conseguiu colocar os salários e as aposentadorias em dia. O presidente logo foi visto como um “Deus”, pois em menos de um ano de governo, o país já apresentava um considerável crescimento econômico e a população sentia isso com o aumento dos salários que triplicaram entre 1999-2008, o desemprego caiu para a metade e a população que se encontrava na linha da pobreza foi reduzida pela metade” (DOURADO, 2016, p. 86).

Além de reestruturar a produção dos recursos existentes no país, Vladimir Putin começou em seu governo a aproximação da Rússia com o Oriente Médio, fortalecendo e estreitando laços políticos, econômicos e sociais com nações desta região e, dentre elas, destaca-se a Síria como grande parceira e protegida da Federação. O interesse geoestratégico russo na Síria tem se fortalecido e a aproximação existente entre os governos causa preocupação no sistema internacional, pois a Síria passa por uma grave crise interna.

Conforme Zhebit (2003, p. 154), “a política russa encontrou uma fórmula para sua evolução a curto e a médio prazo” e, ao usar essas modificações, o panorama interno e a forma de condução das políticas reforçaram a posição hegemônica de Vladimir Putin no país. A Rússia que fora apresentada ao mundo no século XXI demonstrou mais consistência e, por isso, o arranjo internacional ao perceber políticas com características assertivas, voltou a dar credibilidade a Federação.

O item soberania - assunto muito abordado e debatido pela liderança da Federação Russa desde o fim da União Soviética - é marca importante da liderança de Putin. É importante salientar que nos anos 1990, a Rússia havia sido interpelada por uma sucessiva onda de atentados terroristas provenientes, principalmente, dos separatistas nacionalistas da Chechênia, região do Cáucaso russo. Buscando debelar qualquer tipo de hostilidade e real ameaça à integridade territorial do país e combater o crescente terrorismo interno, o “homem de ferro” manteve seu ímpeto e atuou com firmeza não somente sobre a Chechênia, mas também sobre todo o Cáucaso, região caracterizada pela presença de rebeldes islâmicos (SPERANCETE, 2017, p. 150). Baseado nesta atitude, a Rússia sempre demonstrou certa preocupação com relação a possíveis atos hostis advindos dessas populações e, por isso, adotou medidas duras de segurança interna e seus serviços de inteligência procuram estar atentos a qualquer tipo de anormalidade.

Segundo Luiz Fernando Mocelin Sperancete (2017, p. 151), a hegemonia de Vladimir Putin foi forjada, inicialmente, quando do lançamento do conceito de “cidadão russo” como paradigma político nacional, onde o debate sobre esta questão adquiriu uma nova dimensão para Rússia no seu relacionamento direto com o exterior, projetando seu nacionalismo para fora das

fronteiras, principalmente sobre o Leste Europeu, região outrora sob influência direta russa e, ao longo do século XXI, na nova política da Era Putin, inclinando esforços para a região do Oriente Médio com especificidade na Síria. Além disso, de forma estratégica, o Chefe do Kremlin promoveu a religião ortodoxa, à medida que grande parte dos cidadãos russos declaram seguir essa fé. Por isso, houve uma imensa ligação identitária entre a população formando um ambiente totalmente favorável a permanência do homem que conduziria o país ao rumo certo. A afirmação de que Putin é o homem certo para estar à frente da nação é algo que provém das estatísticas das eleições, ao longo dos anos, que esteve no poder, onde sua aprovação sempre foi esmagadora em relação a oposição.

Por isso, Luiz Fernando Mocelin Sperancete (2017) diz que:

“A política externa capitaneada por Putin é utilizada como meio para amalgamar o apoio da população russa em torno de um projeto nacional que vise, em última instância, a garantia do papel da Rússia outrora perdido com o colapso soviético, a saber, o status de grande potência internacional. Desta forma, as ações russas na Chechênia, nas “revoluções coloridas” na Geórgia e na Ucrânia no começo da década de 2000, na reação à expansão da OTAN e União Europeia sobre o Leste Europeu e o papel crescente dos oficiais militares, de inteligência e diplomatas na vida política do país, são elementos que dão os contornos da estratégia nacionalista de Putin tanto internamente quanto externamente” (SPERANCETE, 2017, p. 151).

De fato, a Federação Russa necessitava de uma urgente reestruturação e reorganização nos setores energético, industrial, midiático, aeronáutico e bélico (SPERANCETE, 2017, p. 153). Além disso, a restauração da ordem e da lei foram marcantes, pois grandes bilionários russos começaram a sofrer pressão e, alguns foram presos, chegando ao ponto de terem seus bens confiscados por corrupção e enriquecimento desproporcional as custas do Estado. Para Alexander Zhebit (2003):

“O objetivo óbvio perseguido pelo Presidente russo consiste em fortificar e solidificar o Estado cujo poder determine uma economia estável, fortaleça a coesão da Federação Russa, assegure um controle eficaz sobre lavagem de dinheiro e corrupção, previna a oligarquização e a cartelização e iniba as atividades terroristas e de crime organizado” (ZHEBIT, 2003, p. 164).

É importante ressaltar que o enfrentamento dos grandes oligarcas, que concentravam a maior parte das riquezas e faziam questão de incentivar a má distribuição de renda no meio da sociedade, não foi uma tarefa simples e, Putin, incutiu a ideia de proteção estatal para mudança de paradigmas, fazendo

com que os interesses nacionais não fossem mais deixados de lado por interesses individuais. Logo, o Estado voltou a ter maior poder de decisão nos rumos econômicos e sociais do país ao mostrar uma política dura com relação aos desvios, escândalos e depreciações que causavam total colapso a “Mãe Rússia”.

Além de ter causado grande incerteza e receio mundial, a corrida armamentista foi uma das grandes marcas da Guerra Fria e, de fato, a União Soviética, no período, direcionou grande parte de seus recursos para ampliar o poderio militar tanto em quantidade quanto em qualidade. A partir deste direcionamento, percebe-se um dos motivos pelos quais houve, no período, grande desequilíbrio no país a ponto de causar queda brusca nos setores da sociedade. Na década de 1990, numa visão do que seria a “nova” Rússia, conforme Luiz Fernando Mocelin Sperancete (2017, p. 154-155), a presidência optou por diminuir drasticamente o orçamento militar e isto não foi visto com bons olhos, pois a Federação sempre foi conhecida e temida por ter grande capacidade e poder militar. Na verdade, o objetivo era dinamizar a indústria bélica e o Estado tinha que tomar as rédeas da situação. Vladimir Putin, quando assumiu a cadeira da presidência, teve a iniciativa de direcionar grande parte que o país conseguia com a venda dos recursos energéticos para alavancar a produção e modernização armamentista do país. Com a centralização do setor bélico ao redor do Estado, a produção, a equipagem e a exportação de armamentos garantiram enorme poder frente ao exterior, fato este que não era tão característico da Federação, tendo em vista que a exportação de armamentos ganhou força, ao ter como principais destinos, por exemplo, Síria, China, Irã e Venezuela. Visualiza-se aqui duas intenções claras de política externa russa: Manter a influência e a aproximação na América do Sul e em posições que fazem parte do “quintal” da Federação de forma a equilibrar a hegemonia exercida pelos EUA e ampliar a projeção de poder russo. Putin, também, optou por promover poderosos desfiles e paradas militares com novos armamentos numa estratégia midiática eficiente e eficaz, pois a Rússia de uma forma direta demonstraria ao mundo sua nova tecnologia com armamentos de última geração, além de um sentimento de nacionalismo e orgulho das forças de defesa.

Além da questão da indústria de Defesa, Putin também cuidou da estabilidade econômica. Luiz Fernando Mocelin Sperancete (2017) destaca que:

“A criação do “Fundo de Estabilização”, dividido entre o “Fundo de Reserva” (destinado a suprir as possíveis reduções das receitas oriundas dos recursos energéticos) e o “Fundo para as Futuras Gerações” (também denominado “Fundo de Bem-Estar Nacional”, destinado ao desenvolvimento econômico e à elevação do nível de bem-estar da população, com a capitalização de órgãos de financiamento criados para alavancar os investimentos na economia real nacional – pequenos empreendimentos, projetos de infraestrutura básica, geração de empregos, distribuição de energia elétrica, projetos de inovação e desenvolvimento tecnológico, através de investimentos na Academia Russa de Ciências, os programas de dispêndio em saúde, infraestrutura de transportes, apoio à indústria aeronáutica e o programa de desenvolvimento demográfico)” (SPERANCETE, 2017, p. 155).

Podemos afirmar que a Era Putin, na afirmação de sua hegemonia, iniciou a remodelação do mercado interno, com foco na expansão e “mão firme” do Estado ao supervisionar e detalhar o que realmente poderia ser executado, sendo de grande importância para externar que a Federação não era somente pautada na venda de petróleo e gás para a União Europeia. Pelo contrário, estas vendas foram importantes fatores para a entrada de divisas internacionais, contudo a expansão do mercado interno fora, talvez, o efeito mais impactante da política econômica de Putin em seu governo. As famílias russas¹³, de uma forma direta, sentiram uma melhoria considerável da atividade econômica durante os anos 2000.

Neste arranjo, em paralelo ao embate ocorrido com os grandes oligarcas russos, ocorreu uma reforma política no país com o objetivo de dar continuidade as melhorias nas condições de vida da sociedade. Houve centralização do recolhimento tributário, da justiça e das forças de defesa, tendo em vista concentrar o comando de todas as atividades estatais, nos mais diversos níveis, nas mãos do executivo do país na tentativa de acabar com os problemas da má distribuição que foi marca dos anos 1990.

¹³ Os recursos oriundos da venda de petróleo serviram, dentre outras coisas, para colocar os salários e aposentadorias dos funcionários estatais em dia, tendo em vista que eram atrasadas por meses durante o período de Boris Yeltsin. A popularidade inicial de Putin advém, em parte, deste ajuste salarial. Desta forma, o período de crescimento econômico inicial da Era Putin “não era apenas um caso do tipo ‘a economia vai bem, mas o povo vai mal’: a melhoria macroeconômica se refletiu diretamente no bolso dos cidadãos” (SEGRILLO, 2015, p. 252).

Entre os anos 2000 e 2018 a Rússia viveu reformulações pautadas na liderança de Vladimir Putin e, nesse diapasão, além do Estado se fazer presente nas decisões econômicas, o setor político russo, apresentou caráter duplo, havendo a existência básica de dois tipos de regimes político-administrativos: um regime político-constitucional¹⁴ e um regime comandado pelo partido de Putin (Rússia Unida¹⁵), sendo considerado uma espécie de “facção”¹⁶ política. As instituições, após essas modificações, mudaram suas características, pois os quadros que passavam a ocupar os principais postos, basicamente, foram nomeados pelos dirigentes do partido do presidente Putin, e as práticas destes eram pautadas no serviço das designações da presidência do país, respondendo diretamente e somente ao presidente. Este fator deixou um verdadeiro ponto de interrogação na forma de conduzir as políticas nacionais. Logo, a Rússia apresentava a seguinte situação: burocratas ligados diretamente ao presidente provendo as funções de comando estatais, que são vitais para as grandes decisões, mas cuja legitimidade chega de uma ordem constitucional (presidencial) sobre a qual é constantemente proclamada sua submissão. Ressalta-se que o primeiro regime possuía total envolvimento da sociedade, na forma constitucional de concorrência eleitoral, com partidos políticos operando e disputando votos livremente, com cobertura da imprensa e regulação das disputas eleitorais em termos formais. Por outro lado, o segundo regime, num mundo paralelo baseado em grupos informais operando em torno dos quadros político-partidários/burocráticos que compõem a aliança presidencial do partido de Putin, cujo objetivo era minar qualquer ascensão de grupos opositores, através da manipulação midiática e repressões às manifestações para moldar os resultados eleitorais, com o uso do aparato estatal a seu favor. Por isso, fica evidente o grande poder presidencial e a tática de centralização que o partido do Chefe do Kremlin executa para efetivamente controlar todos os setores da sociedade (SPERANCETE, 2017, p. 157).

¹⁴ Regime proveniente do Estado onde a sociedade basicamente determina as regras de conduta.

¹⁵ Partido que se baseia no nacionalismo, estatismo e conservadorismo. O partido descreve-se como centrista e conservador, defendendo um papel preponderante do Estado na economia, na defesa dos valores tradicionais e da identidade nacional russa.

¹⁶ Tem o objetivo de operar as políticas governamentais com base nas diretrizes da coalisão que compõe a corte presidencial, ou seja, um regime partidário-burocrático de Putin que opera com base nos interesses individualizados mascarados pelo próprio governo.

Por isso, Luiz Fernando Mocelin Sperancete (2017) afirma que:

“A administração russa clama por estar acima das divisões político-ideológicas que assolam o país desde os anos 1990, e, de fato, procura neutralizar as forças políticas e sociais internas que estão apartadas do comando do Estado russo desde os tempos soviéticos, a saber, os grupos liberais mais extremados, ligados político-economicamente ao Ocidente. Nesse sentido, aqueles que não são cooptados pela força do regime, são marginalizados, e o processo eleitoral que vem elegendo a coalisão política de Putin desde 2000 expressa claramente esta disposição” (SPERANCETE, 2017, p. 158).

Na relação com o parlamento, de forma a fortalecer e dar continuidade a sua hegemonia, a administração Putin vem atuando de forma a eliminar qualquer obstrução às medidas do Poder Executivo. O fortalecimento da posição do partido do presidente ao longo dos anos na Duma¹⁷, é uma forma que Vladimir Putin encontrou para concentrar a agenda política do país nas suas mãos, afinal, as medidas de ordem interna e externa implementadas pelo líder russo apoiam-se na sua majoritária base parlamentar, a qual legitima na lei estas medidas (SPERANCETE, 2017, p. 158).

A Era Putin mostrou a sociedade russa e ao sistema internacional que o modelo político (administração do executivo e legislativo) adotado na “Mãe Rússia” no final do século XX, não faria mais parte da pauta nacional. Por isso, além de Putin possuir o controle de ambos os poderes, pode-se destacar: o considerável apoio dado pela população às medidas adotadas pelo executivo e sancionadas pelo legislativo. Este caráter nacionalista que fora aplicado faz trazer de volta o debate político da recuperação da grandiosidade perdida pelo país e o papel fundamental que o cidadão russo possui nesse sentido. Os nacionais passaram a sentir a importante sensação que estavam participando das principais decisões que a Rússia externava ao mundo.

Para solidificar a nação, o governo trouxe o sentimento de união no país, ao passo que implementava ações para atender as necessidades e demandas da sociedade. A população tinha a sensação que o Estado estava preocupado com o bem-estar do cidadão da Federação Russa. Com isso, Putin alcançou elevados índices de popularidade e legitimidade social para governar. Logo, este líder hegemônico aproveitou o contexto político, econômico e social interno da Rússia para promover medidas populares e nacionalistas, visando

¹⁷ Análogo à Câmara dos Deputados.

potencializar e maximizar a legitimidade social necessária para manter-se no poder.

3.2 A PROJEÇÃO DE PODER RUSSA NO ORIENTE MÉDIO

O Século XXI começou com a Federação Russa mudando as intenções de possíveis rumos para trazer novamente os tempos grandiosos do período czarista¹⁸ e soviético e, por isso, externou a estratégia de ampliação de sua zona de influência ao reservar parte de seus esforços para alcançar o Oriente Médio. Na sua política externa, a Rússia, em suas decisões fundamentais a nível internacional, vislumbrou a grande capacidade de ter sua expansão geoestratégica¹⁹ naquela região, com o objetivo político de conter os confrontos étnicos e religiosos. De fato, conhecer como funciona o enredo dos conflitos existentes no “quintal russo” pode ser uma excelente oportunidade para efetuar um planejamento detalhado, a fim de contribuir para aprimorar a segurança e a defesa nacional contra possíveis atos hostis²⁰ advindos destas forças adversas.

Para Alexander Zhebit (2003):

“A sobrevivência da Rússia como Estado forte e federado consiste numa compreensão clara de que o sucesso econômico da Rússia estaria em proporção inversa ao grau de confrontação externa e interna em que estaria envolvida” (ZHEBIT, 2003, p. 166).

Felipe Rodrigues de Camargo (2018, p. 50) diz que “no caso russo, há duas direções que o poder (geopolítico) toma, um em direção à própria

¹⁸ Foi um sistema político que imperou na Rússia desde 1547 até a Revolução de 1917. Czar era o título que se dava ao Imperador Russo e que, durante esse período, governava de forma absoluta, na qual se confundia com o Estado. Agiam politicamente em função da grandeza imperial e da ampliação de seu poder como déspota.

¹⁹ Tipo de política externa guiada principalmente por fatores geográficos, e como eles informam, restringem ou afetam o planejamento político e militar. Tem a ver com os problemas estratégicos (situações de conflito e emprego de meios de coação) no âmbito da Geopolítica. É um estudo das constantes e das variáveis do espaço que, ao objetivar-se na construção de modelos de avaliação e emprego de formas de coação, projeta o conhecimento geográfico na atividade estratégica

²⁰ É uma situação que define sentimento, pessoa ou ambiente que contraria os padrões de convivência sociável. Ou seja: tudo aquilo que se opõe aos critérios de boa convivência é considerado hostil. Esta palavra vem do termo em latim “*hostis*” que quer dizer inimigo. Por isso ela é usada para indicar que uma pessoa ou ambiente que se apresenta de forma negativa, agressiva, provocante ou contrária às demais.

*Heartland*²¹, e outra para o Mundo como um espaço comum, com a consolidação política do território da Eurásia e a proposta de Ordem Multipolar”.

Figura 2 - Heartland



Fonte: <https://www.zerohedge.com/news/2016-12-24/united-states-and-race-global-hegemony> (2016)

Conforme Alexander Zhebit (2003), A Rússia:

“É um país bicontinental gigantesco, cercado por seis regiões geo-estratégicas importantes – Europa do Norte, Europa Central e do Leste, Balcãs, Oriente Médio, Ásia Central, Sul da Ásia e Extremo Oriente –, uma importante parte delas apresentando tendências de instabilidade política ou de confrontos étnicos e religiosos. A situação explosiva em cada uma dessas regiões precisa ser contrabalançada pela forte e equilibrada política externa russa, baseada nos interesses de segurança e de estabilidade interna. O próprio “exterior próximo” apresenta uma zona de instabilidade e de conflito, que, apesar da desintegração exangue, evoluiu para um palco de lutas intestinas, nas quais a presença das forças armadas da Rússia (de manutenção paz, de guarda-fronteiras ou de preservação de integridade federal),

²¹ Halford J. Mackinder desenvolveu a teoria do *Heartland* - Coração da Terra. Mackinder situou o *Heartland* na zona territorial que abrange os continentes europeu e asiático, e que recebe a denominação de Eurásia ou Ilha Mundial. A partir da teoria do *Heartland*, Mackinder iniciou a defesa da tese de que o controle dos mares não mais representava a chave do poderio das nações marítimas - A supremacia do poder naval havia chegado ao fim. Esta teoria, “representa, segundo o próprio autor, o poder terrestre em seu antagonismo histórico e geográfico com o poder marítimo. A Área Pivô representa uma ampla extensão territorial do continente eurasiático, dotada de vastos recursos minerais vitais à industrialização e de extensas planícies que permitam o desenvolvimento da agricultura comercial. Do ponto de vista estratégico, seu relevo plano permite deslocamentos rápidos por terra; enquanto que sua distância em relação ao mar assegura uma profundidade territorial frente a ataques de potências oceânicas” (ROCHA; ALBUQUERQUE, 2014, p. 3).

desempenha um papel salutar de estabilização ou de manutenção de um frágil equilíbrio” (ZHEBIT, 2003, p. 165-166).

Pode-se dizer que a Rússia do século XXI, após sua reestruturação e ampliação do seu setor econômico – indústria de base, está trabalhando e orquestrando a continuidade de sua projeção no sistema das relações internacionais, de forma multipolar, que possa refletir e repensar, de forma assertiva, a nova realidade do mundo contemporâneo. Segundo Felipe Rodrigues de Camargo (2018), Putin:

“Priorizou a construção de diálogo por intermédio do multilateralismo, com a criação de inúmeros órgãos: a Comunidade dos Estados Independentes, BRICS²², a Organização para Cooperação de Xangai, a Comunidade Econômica Eurasiática, a Organização do Tratado de Segurança Coletiva, a Cooperação Econômica Ásia-Pacífico, a Organização das nações Unidas, o Conselho de Segurança das Nações Unidas, o Quarteto de Madrid, o Conselho da Europa, a Organização para a Segurança, a Cooperação na Europa, e o Conselho OTAN – Rússia” (CAMARGO, 2018, p. 54).

O conflito na Síria, que perdura até a atualidade, acabou sendo uma das “portas” para entrada dos anseios políticos e econômicos da Federação. Moscou tem mantido o acompanhamento de toda situação e observado, de perto, as proporções alarmantes do conflito civil naquele país. Vladimir Putin e Bashar al-Assad²³ se tornaram grandes aliados políticos e, este fato, explicou e marcou uma sequência de decisões que a Rússia divulgou ao sistema internacional. O confronto bélico entre o governo sírio e rebeldes apoiados pelos Estados Unidos da América, deu-se pela descoberta de ricos e importantes recursos petrolíferos em sua costa. Numa análise estratégica, percebe-se que a retirada de Bashar al-Assad, propiciaria, de uma forma geral, a Washington, obter mais facilmente os recursos energéticos almejados da Síria com a possível efetivação e implementação de oleodutos que escoassem o petróleo do Oriente Médio diretamente no Mediterrâneo, evitando o Estreito de Ormuz. De fato, os interesses advindos dos estadunidenses são de conhecimento de todo sistema internacional e, por isso, a Rússia, através da firmeza de Putin, tem o objetivo de

²² Nome de um conjunto econômico de países considerados "emergentes", formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Ao contrário do Mercosul ou da União Europeia, o BRICS não pode ser reconhecido como um bloco econômico oficial, pois não possui um estatuto ou registro formal - É um mecanismo político internacional de cooperação mútua entre os países integrantes.

²³ Presidente da República Árabe da Síria. Desde 17 de julho de 2000, Bashar al-Assad atua como presidente do país após a morte de seu pai, Hafez al-Assad.

dar continuidade em todas suas políticas na região, a saber, manter as parcerias com as estatais do setor petrolífero, vendas do setor bélico e ao evitar o temido ressurgimento do terrorismo no Cáucaso.

A Rússia, a fim de aumentar a projeção de poder e sua zona de influência no Oriente Médio, demonstrou, através de suas políticas externas, o interesse em promover a defesa da Síria perante as ingerências externas do Ocidente, capitaneadas pelos EUA, desde o início dos conflitos internos, em 2011. Por isso, Bandeira (2017) afirma que:

“Com o apoio da Liga Árabe²⁴, dominadas pelas autocracias sunitas do Conselho de Cooperação do Golfo Pérsico²⁵ (CCG), os Estados Unidos, em 4 de fevereiro, intimidaram Bashar al-Assad a deixar o poder, e sofreram mais uma contundente derrota. A Rússia e a China vetaram-na. E a equação armada pelo Ocidente, com o apoio da Liga Árabe, falhou nesse cálculo. Os Estados Unidos e seus sócios da União Europeia não puderam usar falaciosamente a cobertura do CSNU e instrumentalizar a OTAN para destruir o regime de Bashar al-Assad” (BANDEIRA, 2017, p. 387).

O efetivo retorno da Rússia no cenário internacional foi graças a política assertiva implementada pelo líder hegemônico no início do século XXI e, estas modificações trouxeram bastante desconforto as potências ocidentais. A estratégia geopolítica do uso dos recursos energéticos aumentou a inserção da Federação no contexto das grandes potências e contribuiu diretamente para a afirmação da posição russa no alinhamento de tratados com o Oriente Médio a fim de aumentar a projeção de poder e aumento de sua zona de influência. Assim sendo, a Rússia passa a efetivamente utilizar seus recursos minerais na tentativa de impor sua influência no sistema internacional e, o caso da Síria, mostrou ao mundo que um Chefe de Estado pode se opor aos desejos e anseios de intervenção militar dos EUA na região. Putin, através do veto no CSNU, mostrou ao mundo sua forma de atuar com “mãos de ferro”.

²⁴ É uma organização de Estados árabes fundada em 1945 por sete países, com o objetivo de reforçar e coordenar os laços econômicos, sociais, políticos e culturais. Atualmente a Liga Árabe compreende vinte e dois Estados. A participação da Síria está suspensa desde novembro de 2011 por causa da Guerra Civil Síria.

²⁵ O Conselho de Cooperação do Golfo (também denominado Conselho de Cooperação dos Estados Árabes do Golfo), é a organização de integração econômica que reúne seis Estados do Golfo Pérsico: Omã, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Qatar, Bahrein e Kuwait. Irã e Iraque não são membros.

A liderança hegemônica de Vladimir Putin mostrou ao mundo uma Rússia forte. A retomada do crescimento econômico aumentou a confiança de investidores nacionais e internacionais recolocando a Federação Russa no caminho do crescimento. Suas decisões assertivas proporcionaram mudanças sociais positivas e, por isto, Putin acabou estabelecendo um governo forte pelo qual se constituiu a Nova Rússia do século XXI. Este país é um dos maiores produtores de petróleo do mundo e a gestão Putin usufruiu da subida dos preços do barril para reorganizar a economia, onde ele pôde investir no desenvolvimento do país e aumentar sua popularidade. De uma forma geral, A Rússia que ressurgiu no século XXI demonstrou mais consistência e, por isso, o mundo econômico ao perceber políticas atrativas, voltou a dar credibilidade a Federação.

O caráter duplo da política russa a partir dos anos 2000, deixou um ponto de interrogação na forma de condução das políticas nacionais. Existem dois regimes, sendo o primeiro caracterizado pelo total envolvimento da sociedade, na forma constitucional de concorrência eleitoral, com partidos políticos operando e disputando votos livremente. O segundo regime, vive num mundo paralelo baseado em grupos informais operando em setores que obedecem ao partido de Putin. Observou-se que na sua política externa, a Rússia, em suas decisões fundamentais, vislumbrou a capacidade de ter sua expansão geoestratégica no Oriente Médio e usou a Síria como local de entrada a fim de aumentar sua projeção de poder e extensão de sua zona de influência. Assim sendo, Putin tornou-se um líder hegemônico e influenciador do atual século, ampliou sua liderança regional e direcionou esforços de sua política externa para equilibrar a balança de poder na região do Oriente Médio.

4 CONEXÃO ENTRE RÚSSIA E SÍRIA

4.1 A PRIMAVERA ÁRABE E A SÍRIA

A Primavera Árabe ficou conhecida como uma onda de protestos, reivindicações, revoltas populares ocorridas no Oriente Médio e norte do continente africano. Sua eclosão foi em 2011 e rapidamente angariou grande vulto. A ideia de Primavera faz referência à "Primavera dos Povos", quando em 1848 as populações saíram às ruas em defesa dos seus direitos e liberdades.

Na Síria, o conflito começou como consequência da repressão do governo sírio contra os protestos populares e hoje toma proporções religiosas. Em 2011, a administração política restringiu o acesso ao país por perceber que as manifestações estavam crescendo e aumentando as proporções gradualmente. A maior preocupação era negar informações e evitar a presença do jornalismo internacional que tinha a missão de divulgar cada evento a fim de contribuir para o reestabelecimento da democracia.

Os protestos estão em andamento e são considerados, pela comunidade internacional, na figura dos Estados-membros da ONU, como Guerra Civil. Dentre os vários fatores que podem justificar este conflito é a intenção de retirada do ditador *Bashar al-Assad*, cuja família encontra-se no poder há 46 anos. Neste diapasão, existem muitos atores externos que possuem interesses geoestratégicos na região, a saber, as superpotências Rússia e Estados Unidos da América, principalmente.

4.2 OS PROTESTOS EM DAMASCO

A onda de manifestações advinda da Primavera Árabe tomou conta da região e, na capital da Síria, Damasco, o nível de tensão provocou uma sequência de violentos protestos. Nos enfrentamentos as forças do Estado sírio deixaram, além dos detidos, muitos mortos e feridos. Algumas famílias optaram por deixar seus lares por temer o aumento da violência.

A cidade de Deraa, cerca de 100 quilômetros ao sul de Damasco, passou por protestos inicialmente sem grandes consequências e danos colaterais. Após ações autoritárias de forças policiais, ocorreram mortes e alto número de detidos. Isto ajudou no aumento da insatisfação e foi um dos pontos que chamou a atenção da população residente na capital.

O atual regime sírio é o resultado do último golpe de Estado, ocorrido em 13 de novembro de 1970, protagonizado pelo então Ministro da Defesa Hafez al-Assad. Com a sua morte, o partido *Baath*²⁶ organizou a sucessão do poder e Bashar al-Assad, filho do anterior presidente, tornou-se presidente da Síria no ano de 2000 (início da Era Vladimir Putin) instaurando um sistema de República hereditária. Apesar da população síria ser chamada às urnas, o país tem sido uma democracia de fachada, em que o partido único *Baath* e a minoria *alauita*²⁷ detêm o poder.

No plano religioso, a Síria é de maioria muçulmana *sunita*²⁸, todavia, é a minoria *alauita* que ocupa os principais centros do poder e decisão na Síria. Existem minorias étnicas presentes na sociedade como os curdos, os drusos, os armênios e os circassianos e, também, comunidades de imigrantes, constituída por turcomanos, franceses, gregos, ingleses e búlgaros. Possui, também, uma pequena comunidade judaica que se concentra em Alepo e Damasco. Para além disto, as guerras trouxeram para território sírio um numeral considerável de refugiados palestinos, na maioria muçulmanos sunitas, que causaram problemas sociais e econômicos de larga escala a exemplo do que ocorre no Líbano, país que faz fronteira estratégica e que possui missão de longa data das Nações Unidas (RAMOS, 2013, p. 47-48).

4.3 A GUERRA CIVIL

Ao analisar as circunstâncias vividas na região do Oriente Médio, a Organização das Nações Unidas e a Liga Árabe²⁹ movimentaram-se para buscar

²⁶ Partido que lidera o governo na Síria continuamente desde o golpe de Estado de 1963 que trouxe os *baathistas* ao poder. De 1970 até 2000, o partido foi chefiado pelo presidente sírio Hafez al-Assad e a partir de 2000, a liderança seria partilhada entre seu filho Bashar al-Assad (chefe da organização regional da Síria) e Abdullah al-Ahmar (chefe da organização nacional pan-árabe).

²⁷ Os *alauitas* formam um grupo político e étnico-religioso do Médio Oriente, presente sobretudo na Síria, país em que constituem pequena parcela da população.

²⁸ A palavra *sunita* significa "alguém que segue as tradições do Profeta", em árabe. Esse grupo advém do ramo ortodoxo do Islã. Os muçulmanos sunitas acreditam que após a morte do profeta Maomé, o novo líder deveria ser eleito entre os homens capazes. Foi o que de fato aconteceu, quando o amigo e conselheiro de Maomé, Abu Bakr, tornou-se o primeiro califa (sucessor do Profeta) da nação islâmica.

²⁹ É uma organização de Estados árabes fundada em 1945 no Cairo, capital do Egito, com o objetivo de reforçar e coordenar os laços econômicos, sociais, políticos e culturais entre os seus membros, assim como mediar disputas entre estes. A participação da Síria está suspensa desde novembro de 2011 por causa da Guerra Civil Síria. O objetivo principal da Liga é "aproximar as relações entre os Estados-membros, coordenar a colaboração entre eles para proteger sua independência e soberania, e considerar, de uma forma geral, os negócios e os interesses dos países árabes".

acertos nas relações internacionais e saídas diplomáticas cabíveis ao conflito, contudo, as tentativas de encerramentos dos confrontos negociados sempre tinham caráter do não cumprimento.

O insucesso das negociações começou a mostrar ineficiência do nível político-estratégico e mostrou a certeza que um conflito iminente iria continuar a assombrar a sociedade. A escalada da violência na Síria tomou proporções de guerra civil. A principal força rebelde o Exército Livre da Síria³⁰, surgido em 2011, tinha como principal pressuposto o fato de não estar subordinado a qualquer tipo de ordem religiosa.

A partir de 2013, o Estado Islâmico³¹ (EI), antigo braço armado iraquiano da Al-Qaeda³², aproveitou-se da instabilidade da Síria e aderiu a grupos rebeldes de *jiihadistas sunitas*. A partir da Primavera Árabe e da onda de protestos espalhados pelas nações árabes, o EI viu a oportunidade de instalar-se na Síria e, aproveitando a situação de conflito, passou a atuar de forma direta tanto nesse país quanto no Iraque. A guerra que havia começado por razões políticas-sociais, através de reivindicações e pedidos das melhoras das condições de vida da população, tomou proporções religiosas.

A ONU, através de seus Estados-membros e, principalmente, no posicionamento dos membros permanentes de seu conselho de segurança, não conseguiu pôr fim e incrementar soluções assertivas. China e Rússia, aliados do presidente sírio, usaram do poder de veto para travar qualquer tentativa de implantação do reestabelecimento de um ambiente seguro e instável (PAUTASSO; ADAM; LIMA, 2015, p. 159-160).

Diego Pautasso, Adam Gabriel e Bruno R. Lima ainda destacam que:

“Em junho de 2011, o chanceler russo Sergei Lavrov já expressava sua contrariedade a qualquer autorização do Conselho de Segurança da ONU ao emprego de forças estrangeiras na Síria, destacando o

³⁰ É um grupo armado sírio, formado por civis e militares desertores, que atualmente forma uma das principais facções da oposição ao governo do ditador Bashar al-Assad. O Exército Livre da Síria é descrito como uma organização "moderada e secular", em contraste com grupos fundamentalistas que também lutam para derrubar o presidente.

³¹ É um califado com atuação terrorista que controla regiões no Iraque e na Síria e baseia sua ideologia em interpretações extremistas e radicais de determinados princípios do Islamismo. Esse califado – um Estado que é governado por uma autoridade religiosa, o califa, espalha terror sobre a população das regiões que controla, perseguindo minorias e organizando ataques terroristas em outras partes do mundo.

³² Nome árabe que significa “A Base”. É uma organização radical islâmica de atuação internacional que foi fundada no ano de 1988. Essa organização tem duas formas principais de atuação: o terrorismo (praticado por meio de ações como atentados a bomba e sequestros) e o *jiihadismo* (combate armado em locais específicos, como a Síria e o Iêmen).

potencial desestabilizador desse ato para a região³³. Em razão disso, a Rússia, em mais de uma oportunidade, vetou as resoluções do Conselho de Segurança da ONU que abriam espaço para a intervenção na Síria. A visão dos Estados Unidos restringia-se a considerar o veto russo (e chinês) um vergonhoso ato de proteção do tirano Assad, como expressou a embaixadora dos Estados Unidos na ONU, Susan Rice” (PAUTASSO; ADAM; LIMA, 2015, p. 160).

Damasco era considerada uma bolha, ainda intocada e protegida pelos protestos do restante da Síria, entretanto o medo era algo palpável e o Estado estava entrando na transição do mundo abstrato para elementos concretos no que tange as revoltas.

A guerra síria chegou aos subúrbios da capital e rapidamente atingiu o coração de Damasco. O conflito tomou proporções assustadoras e pela transmissão, podia-se observar, diariamente, o céu sendo tomado por cortina de fumaça. O som de bombardeios e disparos causaram desespero na população e pelo prolongar da guerra se tornam rotina da sociedade.

A atual conjuntura deixa claro que não há previsão de quando a guerra civil síria chegará ao fim, pois existem interesses externos em âmbitos políticos e econômicos que continuam alimentando ambos os lados do conflito. A alta complexidade dos grupos que lutam entre si e a grande interferência estrangeira na região, mostra que de fato que não há interesse no término desta situação que atinge dados alarmantes do Direito Internacional dos Conflitos Armados³⁴ (DICA) e do Direito Internacional dos Direitos Humanos³⁵. Além disso, a existência e inserção do Estado Islâmico deu uma nova dimensão ao conflito.

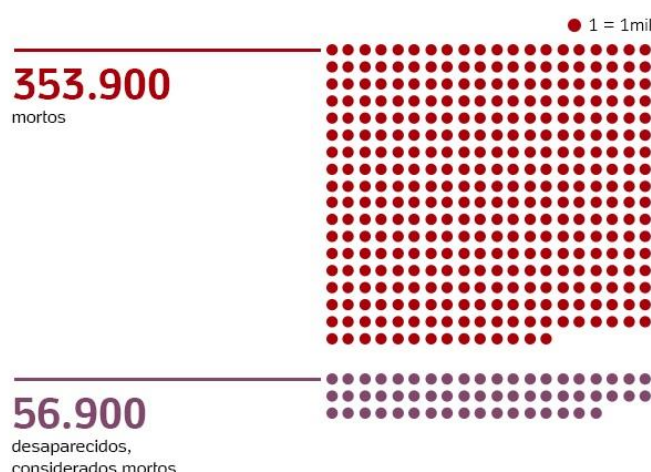
³³ Rússia e China, membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU, rejeitaram a proposta de resolução que apoiava o plano de paz da Liga Árabe e pedia que o presidente sírio, Bashar al-Assad, renunciasse ao cargo. Ver mais detalhes e informações no site da agência *Russia Today* (BBC NEWS BRASIL). Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/02/120204_siria_onu_fn.shtml>. Acesso em 15/10/2019.

³⁴ É o conjunto de normas internacionais, de origem convencional ou consuetudinária, especificamente destinado a ser aplicado nos conflitos armados, internacionais ou não internacionais, e que limita, por razões humanitárias, o direito das Partes em conflito de escolher livremente os métodos e os meios utilizados na guerra, ou que protege as pessoas e os bens afetados, ou que possam ser afetados pelo conflito.

³⁵ Direito que se refere à tutela dos direitos fundamentais dos indivíduos perante o Estado (relação Estado indivíduo), tais como o direito à vida, à liberdade e aos direitos sociais, políticos, culturais e econômicos, que, no conjunto, limitam a possibilidade de arbitrariedade ou a exacerbação do conceito de soberania do Estado perante aos seus cidadãos.

Figura 3 – Mortos e Desaparecidos Guerra Síria

Mais de 400mil pessoas morreram ou estão desaparecidas



Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional> (2018)

A guerra se estende até os dias atuais e tem como consequência milhares de mortes, além de ampliar a crise internacional proveniente dos numerosos refugiados que decidiram sair por não terem segurança adequada para permanecer em seus lares.

4.4 AS RELAÇÕES ENTRE BASHAR AL-ASSAD E A RÚSSIA

Bashar al-Assad assumiu a presidência no início do século XXI e, de imediato, procurou obter legitimidade ao passar a imagem de um líder modernizador e reformista que traria benefícios na política, na economia e na qualidade de vida da população. Sua aproximação e alinhamento com o presidente da Rússia aumentou seu poder e abriu portas para a expansão da Federação Russa no Oriente Médio.

A relação existente entre a Rússia e a Síria teve seu início após o término da Segunda Guerra Mundial com a assinatura de acordos³⁶. Estes pactos aumentaram e facilitaram os incentivos nos âmbitos econômicos e

³⁶ A Síria é há muito tempo um cliente fiel dos russos, de quem compram armas – tanto no período após a Segunda Guerra Mundial como no final do século XX e atualidade. Em 1967, na Guerra dos Seis Dias, quando uma coalizão de países árabes atacou Israel, a então União Soviética enviou conselheiros militares e milhões em equipamentos aos sírios. Em 1971, um acordo uniu a Síria e a então União Soviética para a construção da base militar de Tartus, única estrutura da Rússia no Mar Mediterrâneo, construída ainda à época da União Soviética. Disponível em: <https://br.sputniknews.com/oriente_medio_africa/2018052611315725-como-urss-ajudou-oriente-medio-renascimento-arabe/>. Acesso em 15/10/2019.

militares. Na época da Guerra Fria, a Síria se estabelecia como um país-satélite soviético no Oriente Médio, e por isto, era vista como aliada fundamental para garantir uma zona de influência na região.

A Rússia de Vladimir Putin, dentre as potências mundiais, mostrou-se a mais determinada no apoio ao regime de Al-Assad, chegando a utilizar, em várias circunstâncias, seu poder de veto no Conselho de Segurança da ONU, a saber, como exemplo, duas sessões: uma realizada no dia 05 de abril de 2017 que discutia o projeto de resolução que pedia uma investigação sobre o ataque químico³⁷ na Síria e outra no dia 19 de setembro deste ano que debatia uma resolução para impor um cessar-fogo na província de *Idlib*, no noroeste da Síria, o último grande reduto rebelde no país. As razões para isso são pautadas em análises técnicas, especulações, previsões e, por isso, são múltiplas. A Federação mostra que seu interesse é estratégico, de longo prazo, abrangente e não somente pontual. A Síria, em suas decisões políticas, procurou não deixar o alinhamento com o bloco russo enfraquecido e, com a solidez e aproximação das administrações, fortaleceram as relações econômicas. Em 2010, por exemplo, as exportações russas foram superiores a US\$ 1,1 bilhão e os investimentos diretos chegaram a quase US\$ 20 bilhões. Soma-se a isso, as vendas de armas, que têm como principal resultante permitir aos russos o teste da confiabilidade de sua tecnologia. No Mediterrâneo, a base naval militar russa no porto sírio de Tartus é seu vetor operacional, de caráter logístico, com infraestrutura de abastecimento capaz de influenciar na permanência de futuras ações. Esta posição é estratégica e, por vezes, superestimada no âmbito internacional (BITAR, 2013, p. 2).

As mudanças ocorridas na forma de condução das políticas domésticas da Federação Russa foram modificadas no atual século e, desde então, o mundo tem observado que a aproximação entre Bashar al-Assad e a Rússia são uma forma de dizer a todo sistema internacional que a ONU, principalmente, ou qualquer outro organismo internacional tem o direito ou capacidade de dizer como e por onde a Rússia deve trilhar suas decisões

³⁷ Ataque de armas químicas realizado na Síria que ocorreu em 4 de abril de 2017 e levou a morte 86 pessoas, incluindo 30 crianças. Aconteceu na cidade de *Khan Shaykhun*, no sul da província de *Idlib*. A arma química utilizada no ataque foi o gás *sarin* que é considerado extremamente letal.

políticas. Observando este aspecto, nota-se um novo ângulo na forma de proteção da soberania russa e, especialmente, após a "Revolução Laranja"³⁸ de 2004 ocorrida na Ucrânia. O Kremlin tem direcionado esforços para combater qualquer tentativa de intervenção política ou ideológica no seu Estado.

4.5 AS ROTAS DE PETRÓLEO E O INTERESSE GEOPOLÍTICO RUSSO

O petróleo é a fonte energética mais consumida do mundo e seu caminho se dá, principalmente, pelo Canal de Suez³⁹. A extração de petróleo tornou-se essencial para as principais potências mundiais, principalmente os localizados na Europa. Os países aumentaram a demanda deste bem precioso e a preocupação com a segurança e produção com eficiência se tornaram pauta das decisões que envolvem os principais consumidores. Por isso, a forma como é feito o controle das reservas de petróleo no Oriente Médio e também em outras localidades, como na África, foram modificadas. Somado a isso, este mercado tem acompanhado mudanças extraordinárias ocorridas na indústria do petróleo, a saber, um crescimento exponencial americano que alterou a dinâmica global de preços. Fatih Birol⁴⁰ (2019), menciona que:

“Os Estados Unidos liderarão o crescimento da oferta de petróleo nos próximos seis anos, graças à incrível força de sua indústria de xisto⁴¹, desencadeando uma rápida transformação dos mercados globais de petróleo. Até 2024, os Estados Unidos exportarão mais petróleo que a Rússia e se aproximarão da Arábia Saudita - um marco essencial que trará maior diversidade de oferta nos mercados” (BIROL, 2019).

Com o objetivo de gerenciar a exportação/importação e para potencializar as negociações e os lucros advindos da produção do petróleo, foi

³⁸ Foi uma série de protestos e eventos políticos, ocorridos entre 2004 e 2005, que tomou diversos lugares de toda a Ucrânia, em resposta às alegações maciças de corrupção, intimidação por votos e fraude eleitoral direta, durante a eleição presidencial ucraniana de 2004.

³⁹ É uma via navegável artificial a nível do mar localizada no Egito, entre o Mediterrâneo e o Mar Vermelho. Permite que navios viajem entre a Europa e a Ásia Meridional sem ter de navegar em torno de África, reduzindo assim a distância da viagem marítima entre o continente europeu e a Índia em cerca de 7 mil quilômetros.

⁴⁰ Ver mais detalhes no site da IEA (*International Energy Agency*). Disponível em: <<https://www.iea.org/oil2019/>>. Acesso em 20/10/2019.

⁴¹ Petróleo de xisto é um petróleo não convencional produzido a partir de fragmentos de xisto betuminoso e através de pirólise, hidrogenação ou dissolução térmica. Estes processos convertem a matéria orgânica no interior da rocha (querogénio) em petróleo e gás sintéticos. O petróleo que resulta deste processo pode ser imediatamente utilizado como combustível ou então pré-refinado de modo a poder ser usado como matéria-prima em refinarias.

criada em 1960 a Organização de Países Exportadores de Petróleo⁴² (OPEP). Esta organização teve o poder de influenciar de maneira global o preço do barril. Atualmente, o mundo observa não só a influência da OPEP, mas da nova Rússia do século XXI controlando, através de seu poder, grande quantidade de poços na Eurásia.

A Rússia lidera o fornecimento de fontes de energia no seu entorno e direcionou esforços para em sua política externa não esmorecer os laços de aproximação com o governo sírio. Atualmente, os maiores produtores de petróleo estão concentrados no Oriente Médio. Estes são responsáveis pela metade da produção mundial⁴³. O contexto geopolítico indica que os países consumidores de petróleo, ao analisar as possibilidades do presente e ao pensar nas projeções futuras, articulam alianças com os países que detêm grande capacidade energética. Por isso observa-se o interesse estratégico russo na região do Oriente Médio.

Segundo o boletim de conjuntura da indústria do petróleo⁴⁴, publicado no 1º semestre de 2018, no site do EPE (Empresa de Pesquisa Energética):

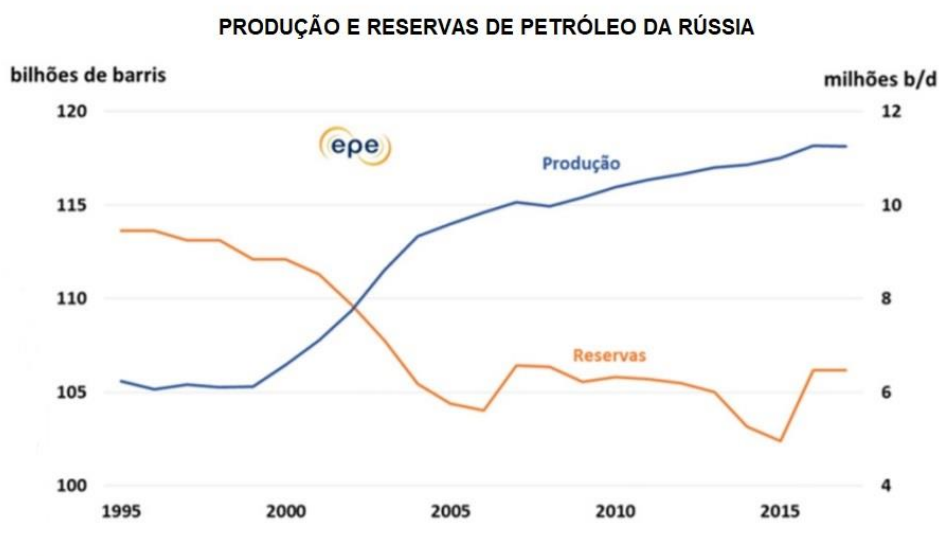
“A Rússia é um dos maiores produtores de petróleo do mundo, respondendo por 12,2% da produção global em 2017 (11,3 milhões b/d, incluindo líquidos de gás natural), conforme indicado no gráfico, e detém a sexta maior reserva (106 bilhões de barris – 6,3% do total mundial). Em relação ao gás natural, a Rússia possui a maior reserva provada no mundo (32,3 trilhões de m³) sendo responsável por 17,3% da produção mundial em 2017 (1,74 milhões m³/d – 8,2% maior em relação à 2016), atrás apenas dos EUA (BP, 2018). Em termos de demanda energética, a Rússia é o quarto maior consumidor de energia, depois de China, EUA e Índia” (EPE, nº 4, 2018, p. 2).

⁴² É uma organização intergovernamental criada em 14 de setembro de 1960 que tem como objetivo a centralização da elaboração das políticas sobre produção e venda do petróleo dos países integrantes.

⁴³ Ver mais detalhes e informações sobre a nova ordem energética global em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292012000200006>. Acesso em 31/10/2019.

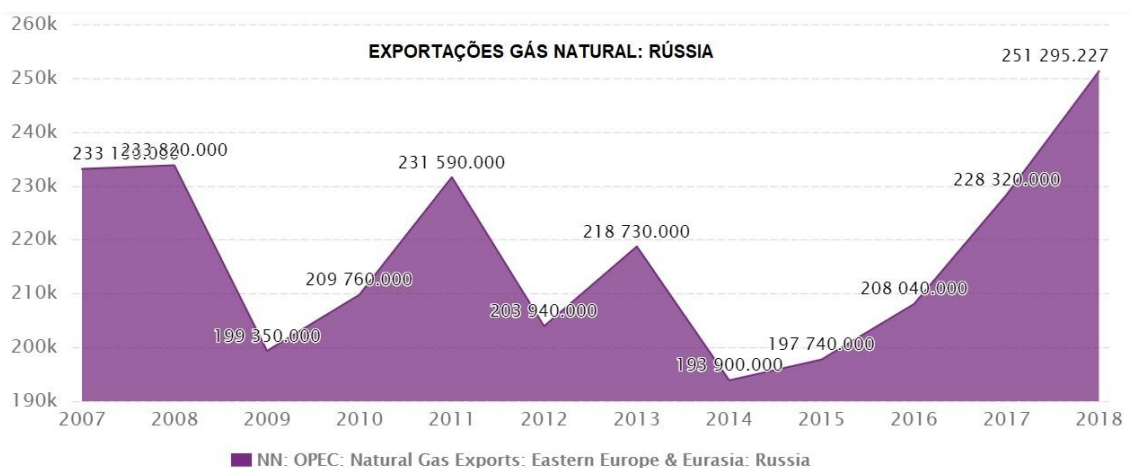
⁴⁴ O Boletim de Conjuntura da Indústria do Petróleo, elaborado pela Empresa de Pesquisa Energética (EPE) apresenta, semestralmente, análises dos principais temas da indústria petrolífera mundial, com ênfase em aspectos técnicos, econômicos e geopolíticos, tendo como compromissos o grau de relevância, a credibilidade e a adequação ao público leitor. Com conteúdo sucinto e de fácil entendimento, tal publicação busca informar a sociedade, bem como subsidiar estudos para o planejamento energético nacional. Ver mais detalhes e informações acerca dos objetivos deste boletim em: <<http://epe.gov.br/pt/publicacoes-dados-abertos/publicacoes/boletim-de-conjuntura-da-industria-do-petroleo>>. Acesso em 31/10/2019.

Gráfico 1 – Produção e reservas de petróleo da Rússia



Fonte: <http://epe.gov.br/pt/publicacoes-dados-abertos/publicacoes/boletim-de-conjuntura-da-industria-do-petroleo> (2018)

Gráfico 2 – Exportações gás natural: Rússia



Fonte: <https://www.ceicdata.com/pt/indicador/russia/natural-gas-exports> (2019)

A Europa não possui reservas suficientes de hidrocarbonetos, o que tem como resultado direto a demanda de importação deste tipo de energia, em especial, da Rússia. Esse fato ajuda explicar a importância da influência russa em regiões geoestratégicas como a Ucrânia, a Geórgia e a Síria.

Outro exemplo dos interesses russos na região se deu em 2009, quando os governos do Catar e da Turquia propuseram a construção de um gasoduto que atravessaria a Península Arábica e que precisaria fazer uso de território sírio. O objetivo era diminuir a dependência europeia da Federação, contudo, sob forte influência russa, Bashar al-Assad vetou o projeto.

4.6 O APOIO MILITAR RUSSO

Desde o período da União Soviética, a Síria já era uma aliada, contudo nos anos 2000, Vladimir Putin e Bashar al-Assad estreitaram seus laços políticos e econômicos. Após as revoltas e protestos ocorridos na Síria em 2011, Moscou apoiou Damasco através de envio de tropas. Com isso, a Guerra Civil começou a mudar o rumo, pois o poder bélico russo proporcionou desequilíbrio de forças. A Federação Russa faz trabalhos e buscas de inteligência a fim de contribuir para o aprimoramento do Exército Sírio e, como consequência, este obteve importantes vitórias para a manutenção do regime de al-Assad. A eles, soma-se a Polícia Militar, constituída majoritariamente por batalhões das repúblicas muçulmanas do cáucaso russo.

Além das baterias de defesa antiaérea, a Rússia por meio da aviação, tem dado suporte às ações terrestres. Embora nem os rebeldes e nem os extremistas contem com uma aviação, o Kremlin possui autorização direta do governo sírio para impor e alcançar a supremacia aérea no espaço pertencente à Síria (PICCOLLI; MACHADO; MONTEIRO, 2016, p. 193).

4.7 O USO DE MILITARES E MERCENÁRIOS RUSSOS

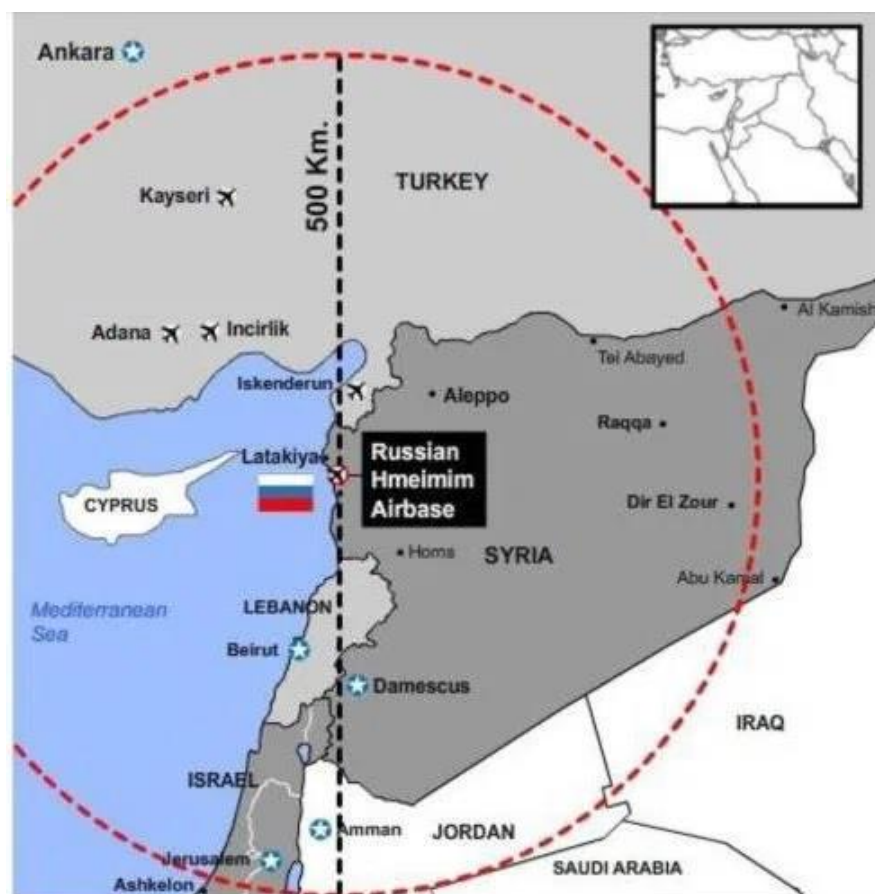
Apesar do anúncio oficial da retirada de grande parte dos militares russos atuantes na Guerra Civil Síria, existe ainda uma considerável capacidade de intervir quando necessário. A base militar de Hmeimim⁴⁵ (ilustrada nas figuras abaixo) se tornou uma base aérea permanente do Exército russo e o mesmo acontece com a Base Naval de Tartus - uma instalação portuária que se transformou e administra todo braço logístico da intervenção militar. Este tipo de apoio de serviço ao combate é essencial para a manutenção das tropas em primeiro escalão da Rússia, pois a continuidade sem interrupções ou atraso, induz a percepção da decisão de permanência russa na região.

O porto de Tartus, o segundo maior do país, é mantido desde a década de 1970 pelos russos, graças ao acordo com a então União Soviética. Em janeiro de 2017, Assad renovou o contrato de concessão do porto de Tartus à Rússia como base naval por mais 49 anos. Tartus é a saída que a Rússia tem para o Mediterrâneo e é a segunda maior base naval da Rússia fora do território

⁴⁵ Base aérea russa de Hmeymim localizada em Latquia. É desta base que os aviões militares e de transporte russos partem para missões de combate contra grupos terroristas do Estado Islâmico e da Frente Al-Nusra (atual Tahrir al-Sham).

russo, donde estão alocados cerca de quinze navios de guerra e de apoio. Enquanto Assad se garantir a frente do comando do País, tais bases russas continuarão na Síria; no entanto, se Assad for derrubado do governo, muito provavelmente a oposição não permitirá a permanência destas bases na região (CORRÊA; DELGAGO, 2018, p. 22-23).

Figura 4 – Base Aérea Russa - Hmeimim



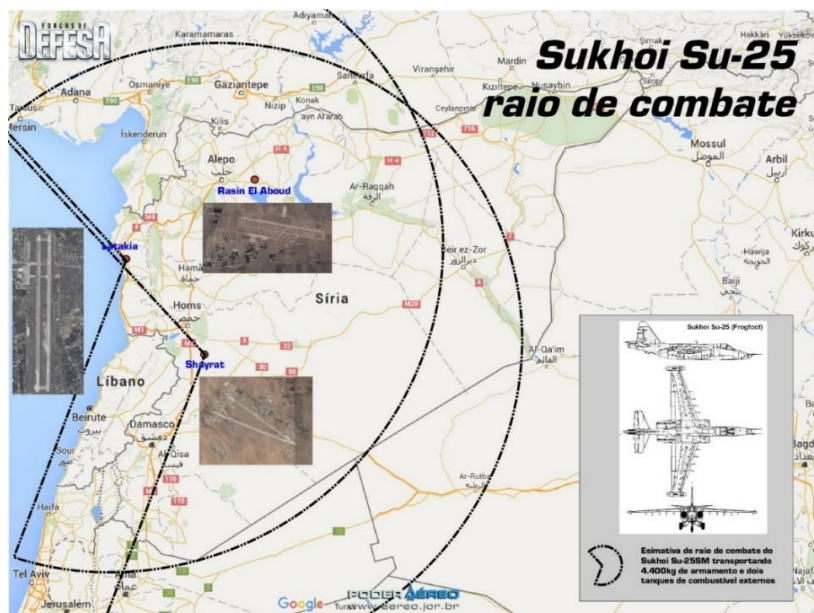
Fonte: <https://dinamicaglobal.wordpress.com/2016/08/25/base-militar-permanente-da-russia-na-siria-moscow-apanas-derruba-o-equilibrio-de-poder-no-mediterraneo/> (2016)

Às forças oficiais russas, acrescenta-se todo um contingente de mercenários russos que combatem junto às forças pró-governo, em especial uma empresa militar privada chamada Grupo Wagner⁴⁶. Inicialmente, o uso de mercenários era direcionado a defesa e segurança de instalações russas em território sírio. Contudo, ocorreram levantamentos que apontavam o uso destes

⁴⁶ É uma organização paramilitar de origem russa. Existem duas vertentes deste grupo: uma Empresa militar privada (ou agência de contratos militares privados), que atua em várias regiões pelo mundo, principalmente no leste da Ucrânia e na Síria ou um esquadrão secreto das Forças Armadas Russas, que é utilizado como braço de apoio em conflitos onde a Rússia está engajada.

tipos de combatentes na linha de frente de batalhas em prol do governo sírio. Este fator levanta debates e discussões no sistema internacional, pois até que circunstância Moscou irá permitir o combate realizado por estes combatentes? Esta permissão tem caráter político e permissivo da Rússia? Porque utilizar aeronaves Sukhoi Su-25⁴⁷? Não se sabe ao certo as respostas para tais questionamentos.

Figura 5 – Raio de Combate Aeronave SUKHOI SU-25 na Síria



Fonte: <http://www.aereo.jor.br> (2019)

As empresas militares privadas da Federação contribuem com alguns objetivos de Moscou, a saber, que se destaca, evitar mortes oficiais em combate, pois a sociedade não iria admitir que episódios como os da *Tchétchênia* e a invasão soviética do Afeganistão ocorressem novamente.

⁴⁷ É um avião russo de apoio aéreo aproximado desenvolvido na União Soviética pela *Sukhoi Design Bureau* com asas fixas e motores duplos. O voo do primeiro protótipo ocorreu em 22 de fevereiro de 1975, depois de uma série de testes e referências de utilidade e engenharia, entrando em produção no ano de 1979. O Su-25 é um avião que possui alta gama de armamentos e possibilidades de uso. Contém aerodinâmica convencional, com asas em formato trapezoidal sobre as entradas de ar, com calda e leme tradicional. A blindagem é reforçada para ataques próximos ao solo e projetado para ser usado em qualquer ambiente, independente de operacional diurno ou noturno e condições climáticas. Ver mais informações e detalhes sobre esta aeronave em: <<http://www.aereo.jor.br>>. Acesso em 23/10/2019.

4.8 OS DEMAIS ATORES ENVOLVIDOS

A interferência estrangeira⁴⁸ na guerra civil na Síria é um fato que remodela e redireciona a evolução da crise. O envolvimento se dá com características diretas e indiretas, seja com o envio de tropas ou até mesmo na forma de financiamento de um dos lados do conflito – cada ator envolvido possui interesse político, além dos interesses militares, religiosos, econômicos ou de segurança. Estas decisões externas influenciam o desencadear e andamento de uma possível solução do problema.

Figura 6 – Conflito na Síria: Aliados e Inimigos



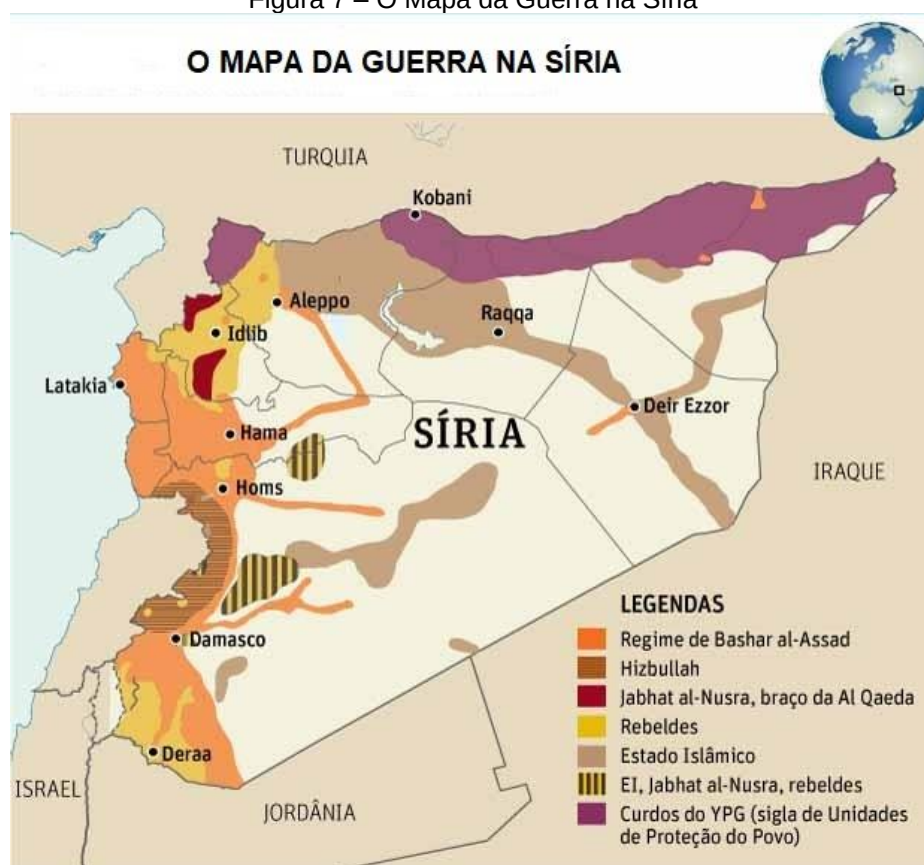
Fonte: Al Jazeera (2018)

Bashar al-Assad, líder do governo sírio, conta com o apoio do Iraque, Irã (forneciam dinheiro, armas, informações de inteligência e enviavam conselheiros militares, como também tropas) e Rússia, tendo este usado do seu poder de veto no Conselho de Segurança da ONU para travar qualquer tipo de missão que

⁴⁸ Os principais apoiadores do governo são a Rússia e o Irã, enquanto os Estados Unidos, a Turquia e a Arábia Saudita apoiam os rebeldes. Milhares de muçulmanos xiitas que integram milícias armadas, treinadas e financiadas pelo Irã - a maioria é do Hezbollah no Líbano, mas também do Iraque, Afeganistão e do Iêmen - têm lutado ao lado o Exército sírio. Ao mesmo tempo, Israel tem se preocupado muito com o envio de armas iranianas para o Hezbollah na Síria e tem realizado ataques aéreos para interromper isso. Ver mais detalhes e informações no site BBC: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43204513>>. Acesso em: 24/10/2019.

interrompesse seus interesses políticos e econômicos. As últimas duas nações contribuem com o envio de armas, dinheiro e tropas especializadas. Além disso, na conjuntura local, observa-se que o Exército Livre da Síria e o Exército Curdo recebem apoio dos EUA para formar a oposição na tentativa de retirada do regime ditatorial. A Turquia financia o Exército Livre Sírio, contudo luta contra o Exército Curdo. A Arábia Saudita apoia fortemente a oposição síria desde o início da Primavera Árabe. Seu intuito é a derrubada de Assad para instalar um regime mais amigável aos sauditas⁴⁹. Como consequência, grupos *jiihadistas* foram generosamente abastecidos com dinheiro e armas.

Figura 7 – O Mapa da Guerra na Síria



Fonte: Al Jazeera (2018)

A favor da oposição, França (Inicialmente, forneceu equipamentos médicos aos rebeldes sírios, mais tarde também armas. No final de setembro de 2015, deu início a ataques aéreos contra o Estado Islâmico, expandindo-os após os

⁴⁹ Ver mais detalhes sobre os interesses políticos dos atores envolvidos no conflito no site do G1 da Globo: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/quais-interesses-cada-pais-tem-na-guerra-da-siria.ghtml>>. Acesso em 23/10/2019.

atentados terroristas de Paris⁵⁰, em novembro de 2015) e Inglaterra contribuem com logística direcionada ao envio de suprimentos médicos emergenciais e, além destas nações, a Alemanha (aeronaves apoiam o reconhecimento aéreo de posições do Estado Islâmico) soma esforços ao entrar no jogo cedendo apoio nos serviços e trabalhos de inteligência. Em resposta ao posicionamento do Irã, o governo da Arábia Saudita se tornou uma das principais fontes de financiamento e armas para a oposição.

4.9 A SAÍDA NORTE-AMERICANA DO CONFLITO

A Guerra Civil na Síria é marcada pelo envolvimento de potências do sistema internacional. A interferência de países externos tem elevado a crise e dificultado uma possível solução na região, haja vista que os objetivos e interesses não estão alinhados. A “Guerra Fria” permanece, pois EUA e Rússia possuem interesse no Oriente Médio. A coexistência pacífica entre esses dois polos de poder sempre esteve como primeira opção, em especial por ambas possuírem as chamadas armas de destruição em massa. Nesse sentido, a disputa da região sempre se deu por jogo de influência e financiamento indireto. Vale destacar que o fator geopolítico historicamente mais importante dessa região é o fato dela ser possuidora de riquezas naturais, a se destacar, a grande quantidade de petróleo que é capaz o suficiente para abastecer os países aliados e futuras alianças. Cabe lembrar que o fator motivador desse jogo político está no aspecto econômico que possivelmente dará ao vencedor a liderança e supremacia global.

O ano de 2017 mudou os rumos do posicionamento norte-americano, pois a eleição de Donald Trump modificou a condução na forma de inserção de interesses na região do Oriente Médio. O congresso estadunidense exerceu pressão para a retirada dos militares americanos que poderiam, através de

⁵⁰ Foram uma série de atentados terroristas ocorridos na noite de 13 de novembro de 2015 em Paris e Saint-Denis, na França. Os ataques consistiram de fuzilamentos em massa, atentados suicidas, explosões e uso de reféns. Ao todo, ocorreram três explosões separadas e seis fuzilamentos em massa, incluindo bombardeios perto do *Stade de France* no subúrbio ao norte de Saint-Denis. O ataque mais mortal foi no teatro Bataclan, onde os terroristas fuzilaram várias pessoas e fizeram reféns até o início da madrugada de 14 de novembro. Ver mais detalhes e informações sobre o atentado no site El País: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/12/internacional/1510492934_914607.html>. Acesso em 23/10/2019.

circunstâncias de combate, causar grandes danos as políticas internas da nação mais poderosa do mundo.

A ordem de retirada das tropas americanas foi dada em 19 de dezembro de 2018, sendo uma atitude que causou espanto nos aliados e alianças formadas. Algumas dúvidas e interrogações pairavam sobre o conflito que se estende desde as manifestações da Primavera Árabe. A saída dos EUA impacta negativamente aos Curdos e Israel e, de forma direta, favorece o próprio governo ditatorial, além de Rússia e Turquia.

Ao analisar o entorno do conflito, Gabriela Furtado, Henrique Roder e Sergio Aguilar (2014) dizem que:

“No sistema regional, o mundo árabe também se encontra de alguma forma envolvido no conflito sírio. Os países vizinhos Turquia, Catar e Arábia Saudita são acusados de armar e dar treinamento militar aos opositoristas de Assad. Enquanto isso, Irã, Iraque e Líbano gastam bilhões de dólares amparando o governo e oferecendo equipes de elite para trabalhos de inteligência e de treinamento militar” (FURTADO; RODER; AGUILAR, 2014, p. 3).

Vladimir Putin recebeu positivamente o retraimento dos Estados Unidos da América, pois Moscou teria a oportunidade de impor seus anseios entre as partes beligerantes. Todas as decisões em alto nível iriam ser capitaneadas pelo Chefe do Kremlin, logo com a saída americana, a Rússia de Putin aumentou seu poder na região. Por outro lado, existe a possibilidade de projeção e ascensão de países protagonistas como Arábia Saudita, Qatar, Irã e Turquia.

Pode-se analisar que a retirada das forças de intervenção estadunidenses enfraquece e limita os grupos e alianças que estão na oposição. Em uma análise situacional, percebe-se que a Casa Branca, em suas decisões políticas, perdeu o interesse momentâneo no Oriente Médio, ou irá redirecionar seus esforços em outra vertente, ou terá como principal alicerce a retirada de suas tropas da linha de frente do combate e seguirá atuando no campo influenciador da diplomacia.

4.10 A NOVA RÚSSIA DE PUTIN

A Rússia que se apresentou ao mundo no século XXI tinha como enredo interno o resgate do nacionalismo russo e a retomada do crescimento econômico para ser novamente uma forte liderança regional. Tanto Vladimir Putin quanto seu sucessor, Medvedev, e de novo Putin, mantiveram a

estruturação de uma Rússia capitalista, contudo reorganizada de forma radical com a centralização do poder estatal. Seu setor bélico (militar-industrial) foi reestruturado e obteve investimentos que permitiram crescimento e aumento do poderio russo para se afirmar, como líder regional.

Putin mostrou ao mundo que o negativismo da década de 90, após a extinção da União Soviética, não fazia mais parte da “Mãe Rússia” (como pode ser visto no gráfico abaixo – Produto Interno Bruto e paridade do poder de compra russo entre 1991 e 2019) e, em 2008, na Guerra da Geórgia, foi externada ao mundo a primeira demonstração de que não seria aceito qualquer tipo de expansão da OTAN na direção de suas fronteiras. Além disso, em 2014, foi incorporado o território da Crimeia – fato que causou dilemas no arranjo internacional. Finalmente, em 2015, a Rússia realizou uma intervenção militar - na Guerra Civil da Síria - em favor do regime aliado de Assad.

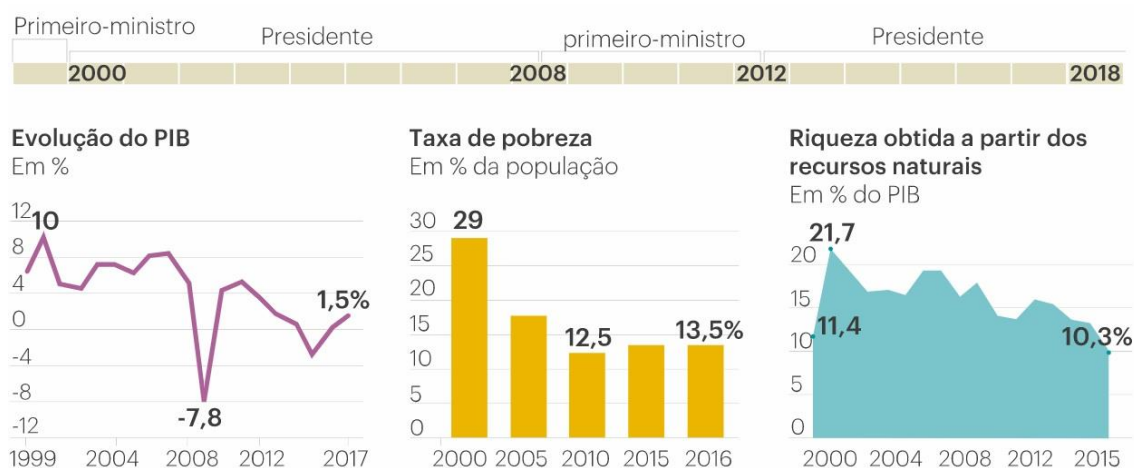
Gráfico 3 – PIB e PPC Rússia



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:HDP_PPP_per_capita_Russia.jpg (2019)

Vladimir Putin tomou decisões assertivas de condução das políticas interna e externa e como consequência direta fez a Rússia ressurgir no cenário internacional.

Gráfico 4 – A Rússia de Vladimir Putin



Fonte: <https://www.publico.pt/2018/03/18/mundo/noticia/putin-enfrentou-o-ocidente-e-tornouse-indispensavel-para-os-russos-1806954> (2018)

Colocar a “Mãe Rússia” numa posição de destaque e relevância no sistema internacional sempre foi pauta do discurso político russo e, Putin, angariou imenso apoio popular ao fazer renascer na Rússia o poder de ter um espaço preponderante no cenário internacional. Por causa das riquezas naturais, a primeira década do atual século foi marcada pela recuperação do nível de vida dos russos e do Estado.

O chefe do Kremlin obteve êxito no âmbito econômico, deu um salto tecnológico no campo militar e da indústria base, assumiu o controle de recursos minerais e energéticos, refez a forma de decidir itens das políticas interna e externa, melhorou a qualidade de vida do cidadão russo e, por isso, voltou a ocupar seu lugar entre as grandes potências mundiais. Nesse sentido, a atuação na Síria se tornou uma ferramenta da política externa para o melhor controle dos recursos enérgicos, para emprego militar e ampliação da zona de influência russa. Assim sendo, as mudanças tornaram-se essenciais para a compreensão da ascensão russa no século XXI.

5 CONCLUSÃO

A Rússia de Putin, logo no início dos anos 2000, implementou, através de uma política centralizadora, uma plataforma de governo que direciona os recursos econômicos do Estado como ponto focal de esforço para atender as necessidades básicas a fim de contribuir para melhoria da qualidade de vida da população, a qual foi alijada economicamente e socialmente nos anos 1990.

Vladimir Putin foi colocado como “salvador da pátria”, pois empreendeu com certo grau de sucesso a reestruturação do país. Putin ainda é para o povo russo aquele que tem a missão de conduzir a Federação aos caminhos do crescimento econômico. O século XXI está marcado pelo surgimento de um líder hegemônico, de postura firme e dura, com autoridade extremamente respeitada e com fina capacidade de redirecionar os esforços internos e externos para a volta do crescimento que a Rússia necessita. A Federação, um local de extremos e cheios de contrastes, começou a sentir o desenvolvimento de um novo momento com a ascensão de Putin e, sua política além de voltar a ser assertiva, teve uma inserção de estratégia interna para potencializar a recolocação russa no sistema internacional.

O governo consegue auferir elevados níveis de popularidade e legitimidade social para governar. Com isso, torna-se evidente que através da legitimidade social, o chefe do Kremlin obteve mais flexibilidade para implantação de suas ideias e objetivos. Putin arquiteta, desde sua ascensão até a atualidade, uma forma de obter um aproveitamento favorável do contexto político, econômico e social interno para divulgar medidas populares e nacionalistas com o fito de obter a legitimidade necessária para manter-se no poder.

A desmilitarização e a modernização do exército russo foram assuntos debatidos e, como decisão fundamental, surgiu a prioridade de implantar tecnologia através da diminuição do quantitativo e melhoria da qualidade a ser empregada. A Rússia precisava organizar suas contas e através destas modificações, Moscou entrou num novo ciclo de rivalidade pelo poder mundial, cedendo as novas tendências, a saber, a globalização econômica, financeira e comercial, a integração na vizinhança para afirmação da liderança regional, a expansão territorial, a diminuição da possibilidade de uma nova

Grande Guerra e o surgimento de novos padrões de segurança nacional e internacional.

A Rússia, no intuito de ressurgir no sistema internacional, definiu como esforço principal de sua política externa a recuperação e reestruturação para reconquistar o reconhecimento do estatuto de grande potência, permitindo-lhe a participação nas grandes decisões internacionais. A Federação Russa executou mudanças na pauta da política doméstica e pode colher bons frutos de todas as modificações, como a volta do nacionalismo e, atrelado a isso, em sua política externa, ocorreu o processo de afirmação assertiva ao passar por determinadas circunstâncias, a saber, a anexação da Crimeia e o envolvimento direto, através de intervenção militar, no conflito da Síria. O efeito desejado da “Mãe Rússia” é o equilíbrio da balança de poder para difusão de sua influência e afirmação de sua liderança regional, além do continuado controle e dominância da gerência dos recursos naturais que dispõe.

O Século XXI começou com a Rússia mudando as intenções dos rumos a fim de trazer novamente os tempos grandiosos do período *czarista* e soviético e, por isso, externou a estratégia de ampliação de sua zona de influência ao reservar seus esforços para alcançar o Oriente Médio. Na sua política externa, Moscou, em suas decisões fundamentais a nível internacional, vislumbrou a grande capacidade de ter sua expansão geoestratégica naquela região.

Ao adentrar e ser um ator externo, que provoca desequilíbrio, no conflito existente na Síria, o Kremlin retoma o posicionamento de afirmação do poder russo perante o sistema internacional. Há que se considerar que a atuação, através da intervenção militar, seja atuando nas primeiras linhas do combate ou no apoio das agências de inteligência, mostra ao mundo como Moscou cada vez mais se posiciona como ator relevante no arranjo dos Estados.

São indiscutíveis, portanto, os interesses políticos, militares, estratégicos e econômicos que norteiam a permanência russa na região. No que tange aos fatores políticos e militares, a Rússia mostra sua capacidade de atuar decisivamente em qualquer região de forma eficiente e eficaz, a saber, na forma de negociação (âmbito diplomático) ou no uso da força (emprego de suas Forças de Segurança). No âmbito estratégico, usa a geografia do seu entorno e, mais precisamente da Síria, para mitigar sua vulnerabilidade crítica de assegurar as

linhas marítimas de comunicação com o Mediterrâneo, como o faz no posto logístico avançado em Tartus. No mundo econômico, tem tido atuação decisiva na proteção e controle das riquezas naturais (hidrocarbonetos). Moscou continua planejando e implantando projetos a fim de administrar e gerenciar toda sua produção de petróleo e gás para domínio continuado de seu entorno.

A intervenção militar na Guerra Civil da Síria é utilizada para manter o atual regime do ditador Assad no poder, com o intuito de assegurar suas bases estratégicas e ampliar a capacidade operacional da Federação Russa. Além disso, observa-se que Putin procura controlar a desestabilização provocada pelo fluxo migratório para Europa em consequência direta do conflito sírio, se utilizando deste como ponto de argumentação perante a União Europeia, a fim de encerrar as sanções econômicas impostas provenientes da crise na Ucrânia.

O conflito sírio tem a presença de diversos atores, nacionais e inclusive internacionais, que tem o poder de influenciar diretamente na instabilidade do conflito e na possibilidade da negociação de paz. A derrota do Estado Islâmico é um possível passo para se alcançar o fim das hostilidades, todavia, ainda existem alguns aspectos que precisam ser resolvidos para que se consiga atingir a paz desejada no país, a saber, como exemplo: o grave problema gerado pelos refugiados, o uso e aplicação de armas químicas e o futuro de Assad. A decisão norte americana de retirar suas tropas do conflito foi um marco da Guerra Civil da Síria, pois os curdos sírios, aliados americanos, perderam sua proteção e, de imediato, foi aberto um leque de oportunidades para a Turquia; para o governo do presidente sírio, Bashar al-Assad, e seus aliados, Rússia e Irã; e para os *jihadistas* do grupo extremista autodenominado Estado Islâmico⁵¹.

A Rússia durante o período de liderança de Vladimir Putin reestruturou e organizou todos os setores doméstico e externo. Esta atitude tinha como ponto focal de esforço o reerguimento do Estado e a afirmação de Moscou como ator relevante nas decisões do sistema internacional e nas capacidades de influenciar as superpotências e países que estão em desenvolvimento em favor dos próprios desejos. Putin tornou-se hegemônico e mostrou ao mundo

⁵¹ Mais informações no site da BBC: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50053251>>. Acesso em 23/10/2019.

uma nova Rússia, com força e possuindo capacidade de equilibrar a balança de poder. Com todos os adventos descritos ao longo deste trabalho, conclui-se que o atual chefe do Kremlin foi decisivo na mudança da melhoria da qualidade de vida da sociedade, na forma de condução das políticas domésticas e externas e no crescimento econômico proporcionado a todo país. Além disso, foi protagonista da ressurgente influência russa no Oriente Médio.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **A Segunda Guerra Fria: Geopolítica e Dimensão Estratégica dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- BARBOSA, Pedro Gomes. **Primavera no mundo árabe**. Anes, JA, dir, p. 38-43, 2011.
- BITAR, Karim Emile. **Guerras por Procuração na Síria**. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/guerras-por-procuracao-na-siria/>>. Acesso em 21 de setembro de 2019.
- BRANCOLI, Fernando Luz. **Síria e Narrativas de Guerra por Procuração: o caso dos curdos como elemento de complexidade**. Revista da Escola de Guerra Naval, p. 589.
- BUSHKOVITCH, Paul. **História Concisa da Rússia**. Tradução de José Ignácio Coelho Mendes Neto. São Paulo, SP: EDIPRO, 2014.
- CAMARGO, Felipe Rodrigues de. **A geopolítica da Rússia nos governos de Vladimir Putin: as ações econômico-político-militares e a Teoria Neo-eurasiana**. (2018).
- CHAGAS, Debora Cristina Nascimento. **A geopolítica dos recursos naturais da Rússia: uma análise sob a perspectiva de Vladimir Putin**. Revista Vernáculo 33 (2014).
- DA CUNHA CROCE, João Ricardo. **A Estratégia de Segurança Nacional da Federação Russa até o ano de 2020**. PADECEME. 2017: 57-72.
- DAS GRAÇAS CORRÊA, Fernanda; DELGADO, Fernanda. **Os novos corredores energéticos e a guerra civil na Síria: velhos e novos atores**. Boletim de Conjuntura, 2018, 4: 17-23.
- DE SOUZA, Danilo Rogério. **A nova geopolítica russa e o Eurasianismo**. Revista de Geopolítica 3, 2016: 61-70.
- DOURADO, Maria Eduarda Buonafina Franco. **A Rússia de Vladimir Putin: um novo autoritarismo**. In **Segurança internacional, velhos e novos atores**.

Anais do III Congresso Internacional de Relações Internacionais de Pernambuco, p. 73.

FREIRE, Maria Raquel. **Política externa russa no «interméstico»: Uma abordagem construtivista**. Relações Internacionais. 2017: 35-49.

FREIRE, Maria Raquel. **Repensar política externa: uma perspectiva pós-positivista. O caso da Federação Russa**. Universidade de Coimbra, 2012.

FREIRE, Maria Raquel. **A Rússia de Putin Vectores Estruturantes de Política Externa**. Leya, 2015.

FREIRE, Maria Raquel. **A nova Rússia de Putin**. JANUS 2013 - As incertezas da Europa, 2013, 10-11.

FÂNZERES, José Manuel Ferreira. **Geopolítica e geoestratégia da Federação Russa**. IDN Cadernos (2014).

FURTADO, Gabriela; RODER, Henrique; AGUILAR, Sergio L C. **A guerra civil síria, o oriente médio e o sistema internacional**. Série Conflitos Internacionais 1, no. 6 (2014): 1-6.

GOMEZ, José Maria; CHAMON, Paulo Henrique; LIMA, Sérgio Britto. **Por uma nova ordem energética global? Potencialidades e perspectivas da questão energética entre os países BRICS**. Contexto Internacional, 2012, 34.2: 531.

LAZZARI, Tiago Colombo. **A Política Externa Russa do Início do Século XXI: Tendências e Perspectivas**. Conjuntura Austral 2, no. 3-4 (2010): 59-78.

MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 1998.

PAUTASSO, Diego; ADAM, Gabriel; LIMA, Bruno Rocha. **A política externa da Rússia diante da crise síria**. Tensões mundiais 11, no. 21 Jul/dez (2015): 147-168.

PICCOLLI, Larlecianne; MACHADO, Lauren; MONTEIRO, Valeska Ferrazza. **A Guerra Híbrida e o Papel da Rússia no Conflito Sírio**. Revista Brasileira de Estudos de Defesa 3, no. 1 (2016).

PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Quatro anos de guerra na República Árabe Síria: sob o domínio do medo e do fracasso da diplomacia.** Cadernos de Política Exterior 1, no. 2 (2015): 9-22.

RAMOS, Cátia Filipa de Oliveira. **A primavera árabe no Egito e na Síria: repercussões no conflito israelo-palestiniano.** 2013. Tese de Doutorado. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

ROBERTO, Willian Moraes. **O papel russo na crise síria e sua decorrência internacional.** Revista perspectiva: reflexões sobre a temática internacional 5 (2012): 57-72.

ROCHA, Dyego Freitas; DE ALBUQUERQUE, Edu Silvestre. **Revisando o conceito de Heartland na Política de Contenção Ocidental do séc. XXI.** Revista de Geopolítica, v. 5, n. 1, p. 1-14, 2016.

SAKWA, R. **Power and Policy in Putin's Russia.** Routledge Europe-Asia Studies. Routledge, 2013.

SEGRILLO, Angelo. **Os Russos.** - 1ª ed. - São Paulo, SP: Contexto, 2015.

SEGRILLO, Angelo. **A diarquia Putin-Medvedev: dimensões da política interna e da política externa.** 137.In: uma longa transição: vinte anos de transformações na Rússia /organizador: André Augusto de Miranda Pineli Alves. – Brasília: Ipea, 201

SPERANCETE, Luiz Fernando Mocelin. **Nacionalismo e a Política do Poder na Rússia de Vladimir Putin.** Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Economia Política, 2017: 147-162.

ZAHREDDINE, Danny. **A crise na síria (2011-2013): uma análise multifatorial.** Conjuntura Austral 4, no. 20 (2013): 6-23.